



Um menino de 11 anos.
Seduzido pela professora.
Um caso de amor, sexo e destruição.

Tia Rafaela

Davi Castro



SUMÁRIO

Dedicatória

Agradecimentos

Nota Preliminar

Prólogo

Epílogo

O autor

Créditos

*Dedico este livro, em especial, a todas as crianças,
pois acredito verdadeiramente que há de chegar
o dia em que elas serão respeitadas e cuidadas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às valiosas amizades que me ajudaram a chegar aonde cheguei, o carinho não desperdiçado, os abraços e as palavras de esperança.

Agradeço à minha avó pelos conselhos de vida, à minha família pelo apoio, ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã e ao meu irmão, sem me esquecer do “Tchu”, que a cada dia me ensina a acreditar que é possível realizar sonhos.

Ao dr. Alessandro Cyrino, grande advogado e amigo.

Ao humorista Carlos Nunes, que um dia acreditou na minha competência e me ensinou tudo que sei sobre teatro e produção. A você, meu amigo, devo muito. E o mínimo que posso fazer é agradecer a oportunidade que me deu.

À poesia de dias melhores, a minha gratidão.

Muito obrigado a todos que contribuíram para a realização deste sonho. E, antes de qualquer coisa, agradeço a Deus.

Obrigado, filho.

NOTA PRELIMINAR

Pedofilia. P-e-d-o-f-i-l-i-a. PEDOFILIA.

Não gosto nem de sentir essa palavra passeando pelos meus lábios. Como pode existir algo assim? Invariavelmente me pergunto. E de tanto me perguntar, concluo que o problema não é a palavra, mas tudo o que ela representa para mim.

Quando se fala em pedofilia, é comum imaginarmos sites pornográficos que exploram fotos infantis, casos absurdos de padres que abusam sexualmente de crianças, histórias de pais que molestam suas filhas. Em geral, o homem está no papel do doente, do criminoso.

O meu livro trata de um caso de pedofilia protagonizado por uma mulher.

Atualmente, a pedofilia é definida como doença, distúrbio psicológico e desvio sexual. É caracterizada pela atração sexual de adultos ou adolescentes por crianças. Não é preciso, portanto, que ocorra relação sexual para haver pedofilia: o simples desejo já caracterizaria a doença.

Em 1996, um caso chocou a população da cidade de Belo Horizonte (MG). O cenário: uma pequena escola situada no bairro de Santa Tereza, na rua Pouso Alegre. Os personagens: uma professora de educação física de 26 anos e um menino, seu aluno, de 13. O fato: ela era acusada de abusar sexualmente dele havia pelo menos dois anos, conforme reportagem estampada na capa do jornal *Hoje em Dia*. Reportagem, aliás, que ia além. Não se limitava a tornar público que a professora mantinha relações sexuais com o menino; afirmava também que ela havia acabado de dar à luz um filho, supostamente do garoto.

Onde estavam a mãe e o pai desse menino? Sua família não percebeu o que acontecia em sua vida? Até que ponto um pedófilo é capaz de

influenciar as decisões de uma criança? Um menino de 11 anos tem consciência de seus próprios desejos? Sabe medir as consequências?

Enfim, foram inúmeras as perguntas que me fiz. Depois de ter vivido oito anos com minha professora de educação física.

PRÓLOGO

O Requerente e a Requerida se relacionaram sexualmente desde junho do ano de 1994, quando o Requerente contava apenas com 11 anos de idade e a Requerida, com 24. Relação esta, fonte de grande polêmica na época e até hoje.

Em 22/12/1995, nasceu um bebê, fruto da relação entre o Requerente e a Requerida.

Na época a Requerida registrou como sendo pai da criança o ora seu ex-marido, dando a ele o sobrenome do mesmo, pois na data do nascimento o Requerente contava com apenas 13 anos de idade. Se tivesse sido registrado em nome do Requerente estaria patente e provada a ocorrência do crime de pedofilia e abuso sexual de menor.

Minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha cinco anos de idade. Fomos morar em Itaoca, praia de Itapemirim (ES), onde vivemos durante cinco anos. Quando retornamos para Belo Horizonte, voltei a ter contato com meu pai — mas, admito, eu o via como um estranho, alguém distante. Havia me acostumado a ter somente minha mãe e minha irmã ao lado.

Lembro-me com detalhes do meu décimo aniversário, em 1992. Minha mãe organizou uma festa surpresa. O dia 15 de setembro cairia numa terça-feira, mas ela resolveu antecipar a comemoração para sexta. Voltava da escola com alguns amigos, brincando de pega-pega. Ao chegar em casa, não acreditei no que via:

- Parabéns pra você, nesta data querida...
- Mãe, meu aniversário nem é hoje!

— Surpresa!

E seus olhos brilhavam bonitos de tanta felicidade. Mostrou-me tudo: brigadeiro, cajuzinhos, gelatina... O bolo, então, de dar água na boca, com cobertura de chocolate e jujubas. E lá estavam minha avó, minha irmã, meus tios e primos. A festa ficou completa com a chegada de meus amigos da escola.

Lembro-me da lua iluminando o quintal, do céu estrelado, do barulho da brasa na churrasqueira fazendo um fundinho para a música da festa, o cheiro da carne ao ponto. Lembro-me que quando corria, brincando com os amigos, fui agarrado pela minha avó, que queria me dar um beijo. Seu perfume era inesquecível. Tinha cheiro de rosas frescas, daquelas que acabam de chegar à floricultura, ainda úmidas pelo sereno. Um abraço gostoso, aconchegante. Queria que todas aquelas sensações nunca tivessem acabado. Mesmo com pouco dinheiro, minha mãe me fez muito feliz.

Na hora de apagar as velinhas, assoprei-as junto com minha mãe e minha irmã. Cortei o bolo fazendo apenas um desejo, sincero como só uma criança consegue: que o tempo parasse naquele instante de tanta alegria, para que nós três jamais nos separássemos.

Fevereiro de 1996. Eu tomava um lanche na casa da tia Rafaela quando o interfone tocou:

— A senhora Rafaela se encontra?

— Quem gostaria? — perguntei.

— É do jornal *Hoje em Dia*.

Não entendi por que tia Rafaela ficou tão assustada e inventou a desculpa de que estava no banho. Fui com Marcelo atender à porta. O jornalista perguntou meu nome.

— Davi — disse.

O jornalista pediu para entrar, garantindo que não iria incomodar, que seriam somente algumas perguntas, coisa rápida, poucos minutos. De câmera em punho, o fotógrafo foi repreendido pelo Marcelo:

— Nada de fotos!

Alto e forte, Marcelo sabia como intimidar as pessoas. E eu ficava admirado de como ele sempre protegia tia Rafaela. Mas depois pensava: “Não faz sentido. Por que ele cuida tão bem da esposa que o traiu?”.

O jornalista já fazia suas perguntas — das quais não me lembro muito bem — quando tia Rafaela entrou na sala, descalça. Ela respondeu tudo o que lhe foi perguntado, com segurança e calma.

Após a entrevista, liguei para meu pai, avisando-o de que iria dormir na casa da tia Rafaela. Ele deixou, mas me recomendou cuidado. E que aquilo ficasse entre nós...

— ... porque se sua mãe descobre, rapaz, estou encrencado!

No dia seguinte, quando cheguei à escola, fiquei assustado. Todo mundo me abordava com um jornal na mão, disparando perguntas estranhas. A diretora me tirou do meio da confusão e me levou para a sala dos professores. Pediram que eu tivesse calma e me mostraram o jornal *Hoje em Dia*. Li palavras que nem entendia direito:

“PROFESSORA É ACUSADA DE SEDUZIR MENOR.”

“PROFESSORA É ACUSADA DE ABUSO SEXUAL.”

“MESTRA CONFESSA A SUA PAIXÃO.”

Minha irmã e eu fomos deixados por minha mãe em frente à casa do meu pai em fevereiro de 1993. Após perder o emprego, ela estava na delicada situação de não mais conseguir pagar o aluguel e andava desesperada porque começava a faltar comida em casa. Resumindo: minha mãe não dava mais conta de tudo sozinha. Apareceu uma oportunidade de trabalho em Florianópolis (SC) e ela, então, decidiu nos deixar com meu pai.

A casa dele era um universo estranho para mim. Apeguei-me mais ainda a minha irmã, com medo de que ela também me deixasse. Pouco tempo depois, para minha tristeza e desespero, ela também partiria.

Aos 12 anos, decidi voltar ao litoral do Espírito Santo, para morar com nossa avó.

— Me leva também! — pedi choroso.

— Não dá, querido. A vovó já é muito velhinha e não tem condições de cuidar de dois netos. Eu já estou maior e posso ajudá-la.

Naquele dia prometi a mim mesmo que jamais sofreria por qualquer outro abandono. O tempo que se passava era cruel: sentia saudades até de nossas brigas. Ela era minha única companhia de verdade.

Mais que simples, a casa do meu pai era desconfortável. Ele vivia em um quarto minúsculo, sem fogão, geladeira, mesa ou cadeira. O cômodo era pequeno demais, mal cabia uma cama dentro dele. O banheiro era comunitário, dividíamos com moradores dos barracões vizinhos. Aquilo nem era uma casa. Não podia ser. Por isso eu preferia ficar o maior tempo possível na rua.

Eu estava matriculado numa escola no bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Escola Estadual Sandoval de Azevedo. Lá começariam os anos mais conturbados de minha vida.

Assim como toda criança em seu primeiro dia de aula, senti medo. Não conhecia ninguém. Será que meus amigos seriam legais? Será que iria me dar bem com os professores?

Pensava nisso quando, subindo a escada principal, deparei com uma garota linda, cabelos longos e loiros, quase da minha altura — na época, eu media menos de 1 metro e meio.

— Sabe onde fica a sala da 2a série? — perguntei a ela. (Eu ficava meio constrangido em assumir que estava na 2a série porque era visivelmente mais velho; já tinha repetido de ano três vezes.)

— Siga em direção ao pátio, desça à esquerda e passe pela secretaria. É a sala 17, pertinho do bebedouro.

Segui suas instruções, pensando como ela era uma menina bonita. Tão bonita que ficou na minha cabeça durante a aula. Passei todo o recreio procurando-a. E nada.

Na volta do intervalo, a orientação era para que fôssemos ao pátio, já que teríamos aula de educação física. Para minha surpresa, a garota que havia me encantado estava lá. E me olhou. Será que esperava por mim?

A surpresa virou susto quando descobri que ela não era uma aluna como todos nós. Com seu jeitão de menina, shortinho de *Lycra* e camiseta branca com estampa do Piu-Piu, ela tinha um corpo de chamar a atenção. Era a professora de educação física.

— Meu nome é Rafaela. Mas pode me chamar de tia Rafaela.

Gostei do meu primeiro dia de aula. E foi o que eu disse quando Eliete, mulher do meu pai, me perguntou, assim que cheguei em casa.

Eliete era legal, cuidava bem de mim e carregava sempre um sorriso no rosto. Tinha o hábito de ouvir canções evangélicas, justificando que aquilo a edificava. Naquela época, eu nem sabia o que significava edificar, mas deixava por isso mesmo.

No dia seguinte houve uma festinha na escola, com a participação de todos os professores e alunos. Foi uma farra. Quando encontrei tia Rafaela,

fiquei brincando com ela, puxando sua roupa e mexendo em seus cabelos. Mais tarde, depois do corre-corre, ela puxou assunto, quis saber da minha família, e eu lhe contei sobre a ausência de minha mãe e minha irmã e como eu não gostava da casa do meu pai.

— Me sinto muito sozinho — disse, cabisbaixo.

Ela me abraçou forte.

— Você é um garoto muito especial, Davi. Vamos ser grandes amigos, confie em mim. Sempre que quiser, pode me contar suas angústias, combinado?

Eu concordei.

Com o passar dos meses, fui tendo muitos amigos na escola. Já fazia parte da turma, não era mais o menino que veio de fora. Foi então que comecei a me interessar por uma menina de minha sala. Rayana era seu nome.

Rayana foi minha primeira namoradinha. E ela era tão complicada, tão geniosa, que, mesmo sem querer, acabou sendo a grande responsável por minha aproximação de tia Rafaela. A cada briga com Rayana, lá estava eu desabafando com a professora de educação física.

Um dia terminamos de vez. Fiquei esperando a aula acabar para correr e chorar no colo da tia Rafaela, que me consolou com carinho e cafuné.

Como eu chorava muito, ela achou melhor me levar para o auditório da escola, onde teríamos mais privacidade. Deitei a cabeça em sua perna e chorei. Tia Rafaela me abraçava forte, beijava minhas bochechas:

— Não fique assim, Davi. Logo, logo tudo isso passa. Amanhã você já terá se esquecido de tudo, quer apostar? E você é muito novo para ficar sofrendo por causa de namoro... Precisa se preocupar é em estudar e brincar. E pronto.

No fim da tarde, ela me levou até o ponto de ônibus, me abraçou forte e voltou a dizer que era minha amiga e que tudo ia ficar bem.

Fiquei feliz quando, dias depois, tia Rafaela me convidou para ir até a academia de seu marido, que ficava perto da escola. Fomos conversando pelo caminho, e ela perguntou como estava meu coração sem a Rayana.

Pouco a pouco ela foi diminuindo os passos e, para não ficar para trás, vi-me obrigado a andar mais devagar também. Então ela tirou uma bala sabor cereja da bolsa. Colocou em seus lábios e com a língua a levou para dentro de sua boca. Ela fazia muitos movimentos com a boca e me olhava de um jeito bastante estranho.

— Você sabe trocar bala, Davi?

Eu respondi que não, nunca tinha ouvido falar dessa brincadeira.

— É assim, olha. Bem devagarzinho você tem que pegar, com os dentes, a bala de meus lábios e colocar dentro de sua boca.

Achei divertido. E era gostosa a balinha de cereja...

— Vamos, Davi! — disse ela, antes que eu conseguisse saborear o suficiente. — Agora você tem que me devolver a bala!

— Como assim?

— Ué, do mesmo jeito que eu fiz.

Ficamos encostados no muro, trocando bala mais umas duas ou três vezes. Até que ela, de repente, me beijou. Percebi sua língua dentro de minha boca. Jamais tinha sentido aquilo. Eu achava que já havia beijado outras meninas, mas naquela hora percebi que não. Eu estava beijando de verdade. Uma mulher. Que beijo!

Quando acabou, fiquei com vergonha e não conseguia olhar em seus olhos. Sentia-me mal, meu corpo estava estranho e meu rosto queimava, de tão vermelho que estava. Eu tinha beijado de verdade. E a língua da tia Rafaela tinha gosto de cereja.

— Marcelo, este é o Davi, meu aluno lá da escola — disse tia Rafaela ao seu marido, assim que chegamos à academia.

— Muito bonita sua academia — foi a única coisa que consegui murmurar, um pouco constrangido.

Marcelo era alto, devia ter quase 1 metro e 90, fortão. Não deu muita bola para a gente, pois estava ocupado com seus alunos e logo retomou a aula.

Ficamos no escritório, tia Rafaela e eu. Ela puxou uma cadeira e me fez sentar. Tirou uma bala da gaveta e colocou na boca. Tudo de novo. Eu, mais nervoso, pois estávamos em área de risco. E se o Marcelo entrasse na sala? Ou mesmo outra pessoa, sei lá.

— Para com isso, tia Rafaela. Se o seu marido entrar, vai me socar na hora.

Vi que estava ficando tarde. Eu precisava ir embora. O que diria para a Eliete? Que demorei porque estava beijando minha professora de educação física?

— Espere um pouco, Davi — tia Rafaela interrompeu meus devaneios. — Daqui a pouco o Marcelo termina e aí ele pode te dar uma carona até o ponto de ônibus.

Tudo para mim era fora do normal. Ia pegar carona com o marido da minha professora de educação física. Sendo que, um pouco antes, eu estava beijando a minha professora de educação física, que era a mulher dele.

Mesmo sendo dono de uma academia, ele não tinha um carro moderno, como eu imaginava. Levou-me ao ponto de ônibus em um fusquinha verde, caindo aos pedaços.

Quando desci do carro, tia Rafaela me abraçou e cochichou ao meu ouvido:

— Guarde bem nosso segredo, hein!? — E me lascou uma beijoca no rosto.

Para Eliete, menti que estava na casa de um amigo, fazendo um trabalho de escola. Tomei banho, comi um pedaço de pão, escovei os dentes e fui dormir. As sensações vividas não me saíam da cabeça.

Sonhei com tia Rafaela me beijando. Misturava prazer com culpa e medo. Eu dizia para ela que queria carinho e abraço, como minha mãe me

dava quando morava com ela. E ela respondia que queria me beijar e ser minha namorada. Marcelo entrou e começou a me bater.

Acordei assustado, com a camiseta toda molhada.

Quando cheguei à escola, no dia seguinte, fui direto para a sala de aula. Não queria me encontrar com tia Rafaela, evitaria isso a qualquer custo. Não sabia como reagiria, depois de tudo o que tinha acontecido entre a gente. Porque nos beijamos, já éramos namorados? Mas e o marido dela?

Durante o intervalo, saí da sala com meus amigos e me sentei em uma bancada no pátio. Tia Rafaela apareceu e veio conversar com a gente. Eu fiquei sem graça, acho que nem consegui disfarçar. Mas ela começou a brincar de fazer cócegas em mim, e eu acabei achando divertido e relaxando.

Depois da aula, tia Rafaela me chamou para conversar.

— Davi, por que você está tão diferente comigo?

— Não sei. Estou confuso. Não entendo o que sinto. Mas acho que não é certo eu gostar de minha professora. Também não gosto de mentir para meu pai e para a Eliete.

— Mas você não contou nada para ninguém, né, Davi?

— Não, tia Rafaela. Eu juro que não.

Ela me consolou. Disse que não precisava me preocupar com as coisas que estava sentindo, que tudo isso era normal na minha idade.

— E você não está mentindo para seu pai. Você só está omitindo.

Eu não sabia o que significava omitir. Mas, impressionado como todos os problemas pareciam tão simples para ela, perguntei o que era.

— É apenas não tocar no assunto. Deixar de contar, em vez de contar uma mentira.

Tia Rafaela terminou nossa conversa me dando um aconchegante abraço e um beijinho escondido.

Um dia, quando voltava do banheiro, vi tia Rafaela passar correndo. Ela chorava, e eu fiquei preocupado. Perguntei o motivo e ela disse que não poderia falar naquela hora.

No recreio, procurei-a o tempo todo. Nada.

No final da aula, lembrei-me que certa vez ela anotou o telefone de sua casa em meu caderno. Depois que tocou o sinal, fui correndo até um orelhão para saber dela.

O marido atendeu, disse que ela estava no banho e pediu para que eu ligasse outra hora. Deixei para o dia seguinte, bem cedo.

Antes de anoitecer, avisei meu pai que iria até um orelhão para ligar para tia Rafaela. Sempre brincalhão e desbocado, ele não perdoou:

— Cuidado, Davi. Estou achando é que você está comendo essa professora! Ela tem marido, hein?! Fique esperto...

— Pai, ela é só minha amiga — respondi, incomodado.

Ao telefone, tia Rafaela pareceu bem feliz em ouvir minha voz. Comentou que estava com problemas em casa, mas não podia dar mais detalhes. E combinou que conversaríamos melhor na escola no dia seguinte.

Na escola, tia Rafaela ainda parecia bastante triste. Contou-me o que estava acontecendo: fazia seis anos que ela cuidava de uma menina, Luana. A menina tinha sido criada como filha, da mesma maneira como Gabriel, o filho do casal, de um ano e três meses. Mas a mãe biológica de Luana estava processando tia Rafaela e Marcelo, alegando que eles haviam sequestrado a menina. Ontem, eles tinham sido intimados a depor.

Depois do desabafo, perguntou-me se eu poderia acompanhá-la até a academia.

— Estou muito nervosa para andar sozinha pela rua — argumentou para me convencer.

Fui. No caminho, fez-me jurar que não tocaria mais nesse assunto. Quando estávamos debaixo de uma pequena árvore, ela pediu para que eu a abraçasse bem forte, porque queria se sentir segura. Colocou-me contra o muro e me beijou, chorando, dizendo que jamais poderia me perder. Tia Rafaela beijava meus lábios e mordia meu queixo bem de leve, apertando-

me em seus braços e dizendo que queria que eu ficasse com ela para sempre.

— Agora só tenho você, Davi — ela repetia, frisando que, dali em diante, Luana não mais faria parte de sua vida.

Preferi não entrar na academia. Estava muito sem graça, incomodado. Achava que seu marido já desconfiava de algo.

No fim de semana, tia Rafaela me convidou para ir com ela e o marido ao clube da Associação dos Magistrados Mineiros, do qual seu pai era sócio.

— Vai ser legal, Davi. Vamos tomar sauna.

— Sauna? Como é isso? Eu nunca tomei sauna. Nem estou com roupa para isso, não é?

Então ela me falou de Laura, uma garota de dez anos que eles apresentavam como sobrinha, que estava passando alguns dias na casa deles.

— Tem um short dela no carro. Deve servir em você, pode usar.

Fiquei com vergonha porque era cor-de-rosa. Mas a vontade de estar com tia Rafaela era maior, então fingi que não me importava.

O cheiro de eucalipto podia ser sentido já na portaria do clube. Tia Rafaela me mostrou os vestiários, as saunas e a piscina. Somente a sauna seca era unissex. Na de vapor, havia a ala masculina e a feminina. Entrei com Marcelo. Depois de alguns minutos comecei a ficar com falta de ar e, por causa do vapor, não conseguia enxergar nada. É, acho que não gostei desse negócio de sauna. Acabei indo para a piscina.

Lá estava tia Rafaela. Sozinha.

— Venha me fazer companhia, Davi. A água está uma delícia. Só falta você para melhorar!

Ela me levou para um canto onde não dava pé. Me segurava, me abraçava. E me dava uns selinhos, sempre levando para o lado da brincadeira.

— Que tal irmos para a sauna seca? — ela propôs, garantindo que era bem diferente da de vapor e que dessa eu ia gostar.

Topei. Não tinha mais ninguém lá, então tia Rafaela pôde continuar com suas brincadeiras de beijinhos. Primeiro, nos cantos de minha boca, um lado

de cada vez. Depois me beijou os lábios. O beijo virou beijo de língua. Aquilo foi me excitando. Eu não sabia muito bem o que estava sentindo.

Tia Rafaela percebeu meu estado e começou a se esfregar em mim. Entre uma espiadinha e outra para ver se ninguém entrava na sauna, ela não parava de rebolar em cima de meu corpo, tocando-me, apertando-me. Para mim eram sensações inéditas. De repente, tia Rafaela ficou ofegante, deu um suspiro profundo e pediu para que eu esperasse dentro da sauna porque ela iria tomar uma ducha fria.

— E aí, Davi, foi gostoso?

Disse a ela que sim, porque não queria decepcioná-la. Na verdade, não senti nada. Só meu pênis todo esfolado e vermelho.

— Então guarde mais este segredinho, hein?! Não diga nada a ninguém.

Antes de irmos embora, ela me pagou um belo lanche. Depois pediu ao marido que me deixasse em casa, porque já passavam das dez da noite e estava muito tarde para eu pegar ônibus.

— Que tal passarmos um fim de semana no sítio de meu pai? — perguntou-me tia Rafaela outro dia.

Eu fiquei empolgado com a ideia. O sítio ficava em Brumadinho, perto de Belo Horizonte, e meu pai deixou. Na sexta-feira à tarde, o fusquinha verde passou em casa para me buscar. No carro estavam Marcelo, tia Rafaela com Gabriel no colo, e a sobrinha deles, Laura.

Chegamos ao sítio e fomos recebidos pelos pais da tia Rafaela, doutor Maurício e dona Rosália, e sua irmã, Cláudia.

Na manhã seguinte, tia Rafaela me levou para conhecer o pasto. Fiquei boquiaberto com tanto bicho: cavalos, porcos, vacas de leite... Me senti como se fosse um menino da roça. O dia estava lindo e eu, muito feliz por viver aquilo com uma família legal em um lugar bacana. Tia Rafaela levou-me até o galinheiro. Disse que estava com saudades de mim e queria me namorar lá dentro, longe da vista dos outros.

Nem bem entramos, ouvimos o Marcelo à nossa procura. Assustada, tia Rafaela inventou uma história sobre ovos quebrados. Tirando esse pequeno imprevisto, foi um dia incrível. Andei a cavalo, nadei na lagoa, comi fruta fresca do pomar e pesquei.

À tardinha, chamei Laura para dar uma volta. Então descobri que ela não era sobrinha de verdade de tia Rafaela.

— Eu a conheci há uns dois meses, quando vendia bala em um sinal no centro — contou. — Morava com minha mãe e uma irmã gêmea na favela do Palmital.

Fiquei até preocupado, porque sabia que a favela do Palmital era uma região muito violenta. Laura me contou que tia Rafaela e Marcelo a levaram para casa, deram banho, roupas, alimentos e a matricularam em uma escola.

— E você conheceu a Luana, a menina que tia Rafaela pegou para criar?

— Sim, eu a vi outro dia. Mas não sei direito a história — ela garantiu.

A conversa estava tão interessante que o tempo voou e nem notamos. Quando voltamos para casa, tia Rafaela estava histérica:

— Onde vocês estavam? O que estavam fazendo que nem me ouviram gritar o nome de vocês? Nunca vi isso, um menino andar horas com uma menina e demorar tanto para voltar... O que vocês estavam fazendo sozinhos no meio do mato? Podem ir falando ou vou mandá-los embora agora mesmo para a casa de vocês!

Ela agrediu Laura com palavras horríveis. Dizia que a tinha trazido só para olhar seu filho, Gabriel. Tratou-a como uma serviçal, uma escrava. Eu estava morrendo de vergonha, pois não tínhamos feito nada de errado.

No domingo, percebi que tia Rafaela estava era com ciúmes de mim. Aonde eu fosse, o olho dela ia atrás, sempre me vigiando.

Logo após o almoço, pegamos a estrada de volta para Belo Horizonte. Antes de me deixarem em casa, demos uma passada no apartamento deles. Foi a primeira vez que entrei lá. Mas, muito rápido, nem consegui observar direito.

Quando cheguei em casa, meu pai e Eliete eram só perguntas. Queriam saber como tinha sido o fim de semana, se eu havia me divertido bastante, se todos me trataram bem... Com um enorme e sincero sorriso, eu disse a eles que tinha sido maravilhoso.

Contei-lhes tudo o que havia feito, tomei banho e fui dormir.

Na verdade não contei tudo, é claro. Tia Rafaela já tinha me ensinado a omitir.

Todos os convites da tia Rafaela vinham acompanhados de alguma coisa legal. Ou um presentinho, ou um lanche gostoso. Assim, fiquei bastante animado quando ela me chamou para ir assistir a um filme na sua casa.

Laura também estava lá. Quando tia Rafaela foi para a cozinha fazer mistos-quentes, ficamos a sós na sala de TV. Como desde o dia do sítio estava um clima legal entre a gente, demos uns beijinhos. Rápidos e com cuidado, para que tia Rafaela não percebesse.

Beijar Laura era muito diferente de beijar tia Rafaela. Eram beijinhos de criança, sem língua, sem esfregação alguma.

Não demorou muito o próximo convite da tia Rafaela. Seria num sábado e iríamos ao Ponteio Lar Shopping, onde estava programado um desfile de cães. Tia Rafaela e Marcelo tinham uma *cocker spaniel* preta chamada Stefanny — a cachorrinha era campeã em exposições e iria participar do tal evento.

Pouco antes de começar o desfile, quando estávamos todos ansiosos, tia Rafaela passou mal.

— Marcelo, me leve para casa — pediu ao marido.

Preocupado em deixá-la sozinha, mas ciente do compromisso assumido no evento do shopping, Marcelo concordou em levá-la desde que eu lhe fizesse companhia.

Quando chegamos ao apartamento, tia Rafaela trancou a porta e fechou a cortina do quarto. Tirou a roupa na minha frente — antes, só tinha visto minha mãe pelada — e foi tomar banho. Fiquei chateado porque estava empolgado com o desfile da Stefanny e não queria essa coisa de ter de bancar o enfermeiro.

Fui para a sala de TV e me deitei no sofá. Percebi que ela não fechara a porta do banheiro. “Será que ficou com medo de eu roubar alguma coisa de sua casa?”, supus.

Quando acabou o banho, tia Rafaela saiu do banheiro com uma toalha amarrada até os seios e checkou se a janela estava mesmo fechada. Deitou-se ao meu lado e pediu para que eu fizesse massagem em seus pés. Em seguida, me deixou de bruços no sofá, sentou-se em cima de mim e começou a acariciar meus ombros. Dava suaves sopros na minha nuca e, de tempos em tempos, beijava de leve meu pescoço. Fiquei arrepiado. E, percebendo que estava me excitando, ela continuava e provocava ainda mais.

Pedi que invertêssemos as posições e eu fizesse o mesmo com ela.

— Para ver se eu também me arrepio — justificou-se.

Então ela tirou a toalha e me mostrou seus seios, com as pontinhas duras. Coloquei as mãos sobre eles e os senti quentes. Ela me beijou longamente.

Eu não tinha a menor noção de como continuar aquilo. Não sabia como iríamos parar, o que vinha em seguida, onde deveria colocar as mãos, como meu corpo reagiria a cada provocação, o que eu tinha de fazer. Ela pegou uma de minhas mãos e conduziu-a até seus seios, massageando-os e acariciando-os. Depois levou minha boca até eles. Quando dei, sem querer, uma mordidinha, ela pediu para morder de novo. Percebi que ela gostava daquilo. Comecei a chupar seus mamilos. Demoradamente.

Tia Rafaela tirou toda a minha roupa e me fez deitar em cima dela. Meu pequeno pênis, duro como nunca havia sentido antes, encostou em sua vagina. Senti que estava molhada e quente — não entendi o motivo. Era tudo uma descoberta para mim. Mas a sensação era bastante gostosa. Então, com a ajuda das mãos dela, meu pênis a penetrou. Meu corpo parecia que ia explodir. Minhas pernas tremiam, meu corpo suave.

Ficamos num vaivém até que ela me avisou que ia gozar. Parecia que seu corpo estava só esperando esse anúncio, pois no mesmo instante houve uma grande explosão de sensações como eu nem poderia imaginar que fosse possível. Com um travesseiro sobre o rosto, abafando seus gritos, tia

Rafaela tremia e urrava. Eu fiquei assustado porque o corpo dela não parava de tremer.

Vendo-me preocupado, ela começou a gargalhar. Ri junto com ela e, imediatamente, estávamos os dois, pelados e abraçados, rindo sem parar.

Quando voltamos ao normal, parei para pensar no que tinha acontecido e senti muita vergonha. Não conseguia olhar no rosto da tia Rafaela. Parecia que eu tinha feito algo errado. Fui até o banheiro, liguei o chuveiro e chorei muito.

Enquanto isso, ela arrumou toda a bagunça e preparou um lanche para nós. Eu estava morrendo de fome.

Marcelo e Laura chegaram da exposição felizes porque a cachorrinha Stefanny ganhara mais um primeiro prêmio de sua raça. Eu não conseguia desviar meus pensamentos do que tínhamos feito e fiquei com medo de algum dos dois perceber o que havia acontecido. Olhava para eles como se eu fosse um criminoso à espera da ordem de prisão.

Depois de contar detalhadamente a proeza de Stefanny, Marcelo lembrou-se de perguntar se tia Rafaela tinha melhorado.

— Ah, já estou boa. Acho que foi só um mal-estar passageiro — e virou-se para mim, dando uma piscadela.

Gelei. Será que Marcelo percebeu algo?

Tia Rafaela resolveu me acompanhar a pé até o ponto de ônibus.

— Você foi muito bem, Davi. Foi gostoso o que fizemos. Durante todo o tempo eu me esquecia que você é uma criança. Fechava os olhos e sentia que tinha um homem forte ali. Por isso eu senti tanto prazer.

E, como de costume, me fez jurar por tudo no mundo que aquele era mais um de nossos segredos, o maior deles, e que não poderia falar para ninguém, nem mesmo para meus amigos.

— Afinal, ninguém acreditaria mesmo em você... É muito novo para conseguir transar — completou, em tom de deboche.

Mas deixou bem claro que, se alguém soubesse, teríamos grandes problemas e, talvez, poderiam até nos afastar para sempre.

Tinha medo de que qualquer gesto em falso me denunciasse. Então, nos dias que se passaram, tomava o máximo de cuidado para agir normalmente. Aos olhos dos outros, nada de anormal poderia ter acontecido. Eu era somente amigo da tia Rafaela. Eu era apenas uma criança.

Meu medo nem era por acreditar que algo de errado tinha acontecido — eu não tinha essa consciência. Tinha medo das consequências que certamente cairiam sobre nós caso alguém descobrisse. Afinal, tia Rafaela deixou bem claro que uma história dessas poderia nos separar para sempre.

Chegou o fim de semana e tia Rafaela me chamou para ir com ela até sua casa. Marcelo estava na academia. Laura fazia aulas de balé. Ambos só chegariam à noite.

Quando cheguei ao apartamento, ela trancou a porta e, esperta, deixou a chave na fechadura.

— Assim, se o Marcelo chegar mais cedo, não conseguirá entrar de repente — argumentou, menos falando para mim e mais como se pensasse alto.

Os gestos, então, lembravam a outra vez. Ela fechou a cortina, certificou-se de que as janelas estavam fechadas. Eu mal podia conter minha ansiedade, entre nervoso e excitado.

Tia Rafaela apagou a luz e começou a me beijar. Deu leves mordidas no meu pescoço, tirou minha blusa e começou a passar a língua em meus mamilos. Mais sensações inéditas para mim. Então ela se livrou de suas roupas e deitou comigo na cama.

De pernas abertas, provocou-me:

— Faça de novo do mesmo jeito que você já provou saber muito bem, Davi.

Envergonhado, fiquei sem reação. Tia Rafaela percebeu e mudou a postura. Acolheu-me em seu peito e começou a fazer um cafuné gostoso.

Eu estava quase dormindo, tamanho o relaxamento. Então ela começou a me beijar com força, com vontade, com certeza do que queria. Quando me abraçou, começou a se esfregar em mim.

Foi inevitável. Ao me dar conta, estávamos transando novamente.

Essa rotina se repetiu por muito tempo. Da escola para seu apartamento. Era comum que ela alugasse filmes pornôns. Dizia que se excitava ao vê-los do meu lado. Transávamos e comíamos um lanche para repor a energia. Tia Rafaela me ajudava com as lições de casa da escola e conversava comigo para que eu perdesse o nervosismo que me fazia ir mal nas provas. Então toda essa rotina em seu apartamento ainda me transformou em um bom aluno. Claro que, entre uma tarefa escolar e outra, rolava muito sexo. Depois eu ia embora, e ela ficava esperando o marido chegar com Laura. Nunca entendi como Marcelo não se importava com a crescente proximidade — visível — entre mim e sua mulher.

Até que um dia eu senti ciúmes pela primeira vez. Era festa de São João na escola e todos estávamos no pátio pendurando as bandeirinhas. Quando olhei para o lado, vi tia Rafaela toda atenciosa com um garoto. Estava na cara que ela dava bola para ele, pois retribuía os olhares e parecia gostar do jeito que o menino a tratava, ajudando-a a colocar os enfeites juninos.

Senti meu coração disparar, meu sangue ferver.

— O que foi, Davi? Que cara é essa?

Perdi o controle. Comecei a ofendê-la. Chamei-a de oferecida, disse que ela ficava dando mole para todos os garotos. Senti muito ódio. Queria sumir.

Tia Rafaela me acalmou lembrando que o que vivíamos era real e bastava. E não precisava ficar transtornado cada vez que ela conversasse

com outro menino. Que só tinha olhos para mim...

— Mas sabia que você parecia um homem quando fez cara de bravo? Fiquei toda excitada, Davi — ela provocou.

Depois desse episódio, tia Rafaela começou a gostar de me deixar com ciúmes. Fazia questão de me contar histórias de homens que davam em cima dela quando eu não estava por perto. Queria sempre se sentir amada. E, para isso, valorizava-se, mostrando-se bonita e gostosa.

Um dia saí da escola e avistei tia Rafaela de paparicos com o mesmo garoto da festa de São João. Em novo ataque de ciúmes, disse para ela que não iria para sua casa, como havíamos combinado.

— E não venha atrás de mim — reforcei, zangado.

Ela ignorou meu pedido e correu, me seguindo. Alcançou-me, agarrou-me pelo braço e pediu que eu ouvisse suas explicações.

— Não é justo você não me ouvir, Davi.

Como eu, decidido, não parei, ela acabou entrando no mesmo ônibus. Insistia para que eu fosse até sua casa, que lá poderíamos conversar com calma. Eu chorava muito e colocava para fora tudo o que sentia, toda a minha mágoa.

— Devolva a minha vida! Deixe-me em paz! Não me faça sofrer mais! — gritava em lágrimas.

Revoltado, desci do ônibus e desembestei a correr. Sem perceber que ela também havia descido, fui agarrado por um senhor que só me soltou quando ela chegou perto.

Tia Rafaela agradeceu ao meu interceptador, pegou-me pela mão e me levou a um lugar mais calmo. Mas eu me recusava a ouvi-la, queria ficar longe dela, queria minha casa, queria esquecer que um dia a tinha conhecido.

— Me ouça, Davi, pelo amor de Deus, me ouça! Não é nada disso que você está pensando. Vou provar que amo você. Você é o homem da minha vida.

— Me deixe em paz! Me deixe em paz! — eu gritava, para espanto das pessoas que estavam por perto e olhavam, tentando entender o que estava acontecendo.

Quando alguém parava perguntando a ela se precisava de ajuda, a resposta vinha pronta para me machucar ainda mais:

— Está tudo bem. É apenas birra de uma criança mimada!

Depois de muitos argumentos, tia Rafaela acabou me acalmando e me convencendo a ir ao seu apartamento. Não preciso dizer que transamos novamente:

— Você é o único que me dá esse prazer, Davi. Acredite.

Nossa relação se tornava cada vez mais perigosa e picante. Com o aumento da intimidade, ela passou a não ter mais vergonha de me contar suas fantasias e suas posições preferidas. Eu também comecei a agir com mais naturalidade. Seguia aprendendo com minha professora.

Tia Rafaela planejava um futuro maravilhoso para mim. Sonhava em me ver fazendo uma faculdade, dizia que iria se casar comigo. Na cama, fazia juras de amor.

Fizemos um novo passeio ao sítio de seus pais. Dessa vez, já conhecido de todos, pude aproveitar melhor. Escaldado, evitei chamar Laura para passear, e o fim de semana foi tranquilo.

Tia Rafaela queria me ensinar a dirigir nos arredores do sítio. Fui bem ao volante do fusquinha.

— Parabéns, Davi. Quando você completar 18 anos, lhe darei um carro novinho — prometia.

Mas, no fundo, as lições de autoescola eram pretexto para ficarmos sozinhos no meio das estradas de terra, onde, a cada parada para me ensinar uma manobra ou uma mudança de marcha, tia Rafaela aproveitava para me beijar, se esfregar em mim e dizer o quanto me desejava.

Não podia reclamar de nada. Nessas idas ao sítio, levava uma vida de rico. Tinha comida gostosa e de boa qualidade, cama quentinha, com edredons confortáveis, travesseiros macios, lençóis cheirosos e roupas bonitas. A casa tinha vários cômodos e um banheiro bem grande, só utilizado pelas pessoas da família. Uma realidade bastante diferente daquela que eu enfrentava no meu dia a dia, morando com meu pai.

Quatro meses haviam se passado desde o nosso primeiro encontro. Minha avó voltou do litoral do Espírito Santo, com minha irmã. Preocupada comigo, convidou-me para viver com ela e meu avô. Sua casa era grande e bonita e ficava no alto do morro do bairro São Geraldo.

Na casa dos meus avós, pela primeira vez, tive um quarto só para mim. Gostava de arrumar meu armário, onde guardava meus objetos pessoais e minhas roupas. Por outro lado, eu precisava fazer a minha parte para manter essa organização. Tinha horário para tudo: para levantar, tomar café, fazer os deveres da escola e cumprir com as tarefas de casa. Sim, ajudava a varrer e passar pano na casa, lavava o banheiro que eu usava... Por isso, às vezes, batia uma saudade da casa do meu pai. No fundo, era saudade de não ter nenhuma obrigação.

Minha avó percebeu que tia Rafaela me seduzia com conforto e vida mansa — acho que ela não imaginava o resto. Então, tomou a iniciativa de ir à escola para ter uma conversa séria com a professora. Não entendi muito bem o motivo de tal preocupação. Mas lembro que encontrei tia Rafaela, após a aula, com os olhos molhados de lágrimas e a cara de quem tinha acabado de chorar muito. Na hora entendi que tinha a ver com a minha avó.

— Ela mandou eu me afastar de você, Davi. Disse que seu mundo é completamente diferente do meu, que nós vivemos em universos diferentes — contou-me.

Minha avó acreditava que tia Rafaela me comprava com roupas, viagens, conforto e falsas promessas.

— O Davi é um bom menino, ele está em fase de crescimento e formação de personalidade, está construindo o seu caráter — teria lhe dito minha avó. — Ele só fala em você, nas promessas de uma vida melhor que você faz a ele. Ele pensa que vive no mesmo mundo que você, mas sabemos que isso não é verdade. Meu neto está enfeitiçado. Eu vou acordá-lo dessa mentira.

Tia Rafaela pediu que eu guardasse mais esse segredo, pois ela tinha prometido para minha avó que não iria me contar nada.

Foram terríveis os dias seguintes. O nosso único ponto de encontro era a escola. Tia Rafaela falava que morria de saudade de me tocar, de me beijar. Cada vez mais crescia em mim a vontade de estar ao seu lado.

Estava tão revoltado que não conseguia mais conversar com minha avó. Naquele momento, ela era a vilã da história. E chegava a ir até a escola para certificar-se de que eu não estava matando aula só para ficar com a professora.

Um dia, tia Rafaela me chamou para ajudá-la a guardar o material de educação física. Fomos até a sala, próxima ao auditório. Ela fechou a porta e, desesperadamente, me agarrou e me beijou. Tinha sede em sua saliva. Nunca tinha sido beijado com tanta vontade antes. Sua língua não se limitava à minha boca. Passava pelo meu rosto todo. Seu corpo tremia.

— Você precisa voltar a morar com seu pai, Davi! Ele dava mais liberdade para você. Eu não aguento mais ficar longe, sinto sua falta lá em casa — pedia-me com olhar apaixonado. — Tudo em minha vida lembra você. Não aguento. Resolva essa situação, por favor. Sua avó está disposta a nos separar.

No caminho para casa maquinei mil formas de criar um grande atrito ou uma confusão com minha avó que me levasse de volta à casa do meu pai. Quatro dias se passaram, e nada. No domingo, meu pai apareceu para almoçar. Aproveitei para lhe pedir que me levasse embora com ele.

— Não quero mais morar com a vó.

Fui até meu quarto e arrumei minhas coisas. Minha avó insistiu para que eu ficasse.

— Está fazendo besteira, Davi. Vai acabar se arrependendo. Por que essa decisão agora?

— Na casa do meu pai eu tenho liberdade para fazer tudo o que dá vontade — disse, ríspido e convicto.

— Você quer dizer que lá não tem ninguém para cuidar de você direito, não é?

De volta à casa de meu pai, contei a ele tudo o que minha avó tinha feito com a tia Rafaela.

— Por enquanto, dê um tempo mesmo e não se encontre com ela — pediu-me. — Logo, logo, as coisas voltam ao normal.

Eu e tia Rafaela passamos a conversar somente durante os recreios. Ela parecia conformada com a situação e desistiu de encontrar uma solução para termos de volta nossas jornadas de sexo.

Entretanto, dois meses depois, meu pai trouxe uma notícia terrível: iríamos nos mudar para o bairro de Guarani e, conseqüentemente, eu teria de ser transferido de escola. Uma bomba caía na minha cabeça.

— Como assim mudar de escola? E meus amigos? E o uniforme que já foi comprado?

Tia Rafaela me abraçou forte quando lhe contei a terrível novidade. Para minha surpresa, sua cara era de felicidade.

— Davi, encontramos a solução para o nosso problema!

Fiquei sem entender. E ela começou a explicar seu plano: eu deveria chegar em casa e deixar claro para meu pai que não queria mudar de escola de jeito nenhum. Então diria que tia Rafaela disponibilizou um quarto em sua casa para que eu pudesse concluir o ano na mesma escola, e meu pai não precisaria se preocupar com nenhuma despesa. Com isso, ficaríamos juntos para sempre!

Parecia fantástico, mas...

— E o Marcelo, o que vai achar disso? — perguntei.

— Ah! Ele vai entender. A Laura já mora com a gente, aliás...

— Então agora é convencer meu pai.

Com a proximidade das férias do meio do ano, o único avanço que tinha conseguido do meu pai com relação aos meus encontros com tia Rafaela era estar com ela nos fins de semana. Minha desculpa era simples e eficiente: estava com dificuldades nos estudos, e ela me ajudava com as lições.

Em um sábado, fomos passear no shopping. Marcelo comprou sorvetes para mim e Laura. Tia Rafaela entrou numa loja e comprou roupas para nós dois: blusas e bermudas para mim; um vestido e uma sandália para Laura.

O shopping estava cheio de casais com filhos. Era assim que eu me sentia: filho de Marcelo e tia Rafaela. Já começava até a nutrir um carinho de irmão pela Laura.

Quando voltamos ao apartamento, no fim da tarde, o telefone tocou. Meu pai dizia que estava passando para me buscar. Quando ele chegou, tia Rafaela correu para o quarto, trocou-se, passou batom...

— Vou descer com você. Quero convencer seu pai a deixar você vir morar comigo.

Meu pai nem quis descer do carro. Debruçada na janela do carro, ela puxou conversa.

— Como uma criança tão bela, tão bem-educada, tão inteligente pode estar desperdiçada? O Davi vai ter um futuro brilhante, eu posso ajudá-lo a superar a dificuldade escolar, posso lhe dar um futuro promissor. Tenho condições até de pagar uma faculdade para ele, mais para a frente. Mudá-lo de escola agora seria terrível, vai prejudicá-lo muito. O senhor não quer que amanhã seu filho se torne um marginal, não é? Pois é isso que vai acontecer com ele se não for ajudado nos estudos. Eu posso dar a essa criança tudo o que ela precisa para um dia se tornar um grande homem. O senhor não tem o direito de negar a ela esta chance.

Era um monólogo. Tia Rafaela sabia convencer as pessoas.

Quase resignado, meu pai falou que ia pensar e conversaria comigo mais tarde sobre o assunto. Fomos para casa em silêncio. Quando chegamos, ele me perguntou:

— Davi, você tem certeza de que quer mesmo morar com essa professora?

— Sim, pai. É o que eu quero.

Então ele descambou para aquele jeito desbocado dele, em tom de brincadeira:

— E o marido dela? Onde é que ele fica nessa história? Esse cara pode fazer alguma coisa com você, já imaginou?! E veja se não vai fazer um filho nela, hein!? Ou o corno ainda vai descobrir... Cuidado!

— Pai, o senhor é muito besta mesmo. Tia Rafaela é casada, tem um filho de um ano e meio. Ela gosta de mim como um filho — respondi, sério, mas me controlando para não deixá-lo perceber que, sim, ele acertara na mosca quando brincava que eu estava “comendo a professora”. — O que o senhor ou minha mãe podem me dar? Nada. Nem espaço direito para dormir eu tenho. Lá eu terei meu quarto, com todo o conforto. Ela vai ser como uma mãe para mim.

Meu pai abaixou sua cabeça e concordou:

— Filho, realmente uma fada madrinha não aparece todo dia na vida de alguém. Vou deixar você ir. Mas, por favor, não apronte nada. Não me traga problemas no futuro.

Eu era a criança mais feliz do mundo. Fui correndo colocar minhas roupas dentro da mochila. Na manhã seguinte, lá estava na casa da tia Rafaela, de mala e cuia. Acomodei-me no quarto do Gabriel. Ela me deu escova de dente nova e deixou separada, em cima do colchão, uma toalha cheirosa, um travesseiro fofinho e um cobertor bem macio para eu dormir. O colchão já estava no lugar onde minha cama iria ficar, só faltava comprá-la. Laura tinha um quarto improvisado na sala de televisão e dormia em um sofá-cama.

Depois de arrumar tudo, calcei meus chinelos e fui tomar meu tão prazeroso banho. O sabonete tinha cheiro de gente rica, o xampu e o condicionador eram daqueles que deixavam os cabelos sedosos e macios.

No chuveiro não vinha o vento frio que eu sentia no banheiro comunitário da casa de meu pai. Ao me enxugar com aquela toalha nova, tive a certeza: não queria mais minha vida antiga de volta. Queria era ser rico!

Tia Rafaela veio até o quarto para me dar um beijo de boa-noite. Na boca, sem que Marcelo visse. E disse para não me preocupar com o fato de ela estar no quarto com o marido:

— Não vai acontecer nada além de deitar e dormir.

Quando acordei, Laura já tinha ido para a escola e Marcelo, para a academia. Tia Rafaela preparava o café da manhã para nós dois. Perguntou se eu tinha dormido bem e como estava me sentindo na casa nova.

Ela me levou ao seu quarto. Com muita calma, como se quisesse aproveitar cada momento, foi tirando a minha roupa e me enchendo de beijos, pelo corpo todo. Pouco a pouco, os beijos se tornaram lambidas. E eu, que já sentia o pênis duro, comecei a fazer o mesmo com ela.

Transamos durante toda a manhã. Quando ela se cansou, pediu para que eu fosse tomar banho.

— Nada de dar bandeira na escola, viu, Davi?! — ela me pedia. — Só falta uma semana para as férias e não podemos deixar ninguém perceber que você está morando em minha casa. Precisamos manter as aparências. Somos professora e aluno.

Passamos as férias no sítio de Brumadinho. Nadamos, passeamos, fizemos churrascos e pescamos. Aproveitávamos sempre as saídas de Marcelo, que ia para a cidade comprar alguma coisa, para saciar nossos desejos.

Com a volta das aulas, os professores se impressionaram com minha nova fase. Estava indo bem nas matérias e ganhando elogios de todos. Tudo na minha vida parecia perfeito.

Um dia, quando cheguei da escola, tia Rafaela pediu para que eu fosse tomar banho. Quando saí do banheiro, enrolado na toalha, ela estava em seu quarto, totalmente nua, me esperando.

— Quero você, Davi — murmurou, provocativa.

Começamos a transar. Mas fomos interrompidos pelo barulho do fusquinha do Marcelo. Tia Rafaela deu um pulo da cama, desesperada:

— Vista-se logo, Davi — dizia afoita, enquanto também ela procurava as roupas. Foi para a cozinha, fingindo estar fazendo comida; eu liguei a TV da sala e fiquei assistindo a um desenho qualquer.

Tentava levar uma vida normal com meus novos amigos do prédio. Falava coisas de criança, fazia brincadeiras de criança. Mas com o tempo minha vida resumiu-se à escola, sessões de sexo às escondidas, beijos (na boca) de boa-noite e cafés da manhã a dois.

Na véspera de meu aniversário de 12 anos, tia Rafaela me levou ao centro da cidade. Comprou uma calça jeans, bermudas e camisetas para me dar de presente. E fomos tomar banana split, sorvete que eu nunca tinha experimentado. Achei tudo o máximo. Lembrava-me de como era diferente de meu aniversário anterior, quando a única comemoração foi meu pai ter me levado para comer pipoca no alto do Mangabeiras, mirante de Belo Horizonte.

Em casa, mostrei minhas roupas novas para Laura. Reparei que ela tinha um pouco de ciúmes de mim.

Uma vez, acordei de madrugada com um barulho. Prestei atenção: vinha do quarto de tia Rafaela. Quando notei sua respiração ofegante e seus

gemidos, que tão bem conhecia, entendi que ela estava transando com o marido. Fiquei desesperado, não sabia o que fazer.

Deitei no corredor, colocando minha cabeça no chão, de maneira que pudesse ouvir todo o som que passava por debaixo da porta. Tremia. De nervoso e de frio. Sentia-me humilhado, fazendo papel de ridículo. Eu pensava que era o único homem de sua vida. Desabei em lágrimas.

Caí no sono e passei a noite ali no chão frio do corredor. Quando acordei, o dia já clareava. Corri para o meu quarto e tranquei a porta para que ela não pudesse entrar pela manhã, como costumava fazer. Eu estava com nojo e ódio de tia Rafaela.

Assim que tomei coragem, saí do quarto.

— O que é, hein?! Acordou com o pé esquerdo? Faz xixi que melhora!
— foi logo me dizendo.

Não aguentei e perguntei o que ela tinha feito com seu marido na noite anterior. Ela disse que apenas dormiu:

— E para de ficar criando coisas aí na sua cabecinha — completou.

Quem ela queria enganar? Naquele momento aprendi que se quisesse ter tia Rafaela e tudo o que a nova vida me proporcionava, tinha de aceitar: Marcelo era o marido; eu, o amante.

Alguns dias depois, minha irmã ligou para dizer que nossa mãe tinha ficado furiosa quando soube que eu estava morando com uma desconhecida. Telefonei para ela.

— Que negócio é esse de ir para a casa da professora? — ouvi.

Ora, ora. Já fazia um bom tempo que minha mãe tinha me deixado. A tristeza dessa separação só não foi maior porque eu encontrei tia Rafaela. E agora ficava me bombardeando de perguntas? Minha mãe quis saber quem era a mulher que estava cuidando de mim, como fui morar em sua casa, como era meu dia a dia. Quando a convenci de que tia Rafaela só fazia coisas boas por mim, me criava como um filho e me dava do bom e do melhor, senti que consegui tranquilizá-la. Mesmo assim, ela quis que eu

passasse o telefone para tia Rafaela. Precisava ouvir da boca dela que não, eu não estava incomodando. E não, não precisava se preocupar com as despesas.

Tia Rafaela garantiu para minha mãe que no fim do ano, quando acabasse o ano escolar, eu voltaria a viver com meu pai. E acertaram que, quando minha mãe estivesse em Belo Horizonte, ela viria nos visitar.

Virei astro de musical. Em novembro, apresentamos na escola uma versão de *Grease* — *nos tempos da brilhantina*. Eu e Rebeca, uma menina que costumava paquerar, éramos as estrelas. O espetáculo foi um sucesso. Tanto que a mãe de Rebeca, Cristina, que tinha contatos no mundo musical, sugeriu que fizéssemos *cover* da dupla Sandy e Junior pelo interior de Minas Gerais.

Então, durante alguns meses, todo fim de semana viajávamos, Cristina e Rebeca, tia Rafaela e eu, e todo o restante do elenco. As pessoas começaram a estranhar minha relação com tia Rafaela.

— Por que você não desgruda um pouco e vai brincar com seus amigos, Davi? — era comum me perguntarem.

Eu não queria tirar os olhos de tia Rafaela porque ela, para provocar ciúmes, dizia que bastava eu sair de perto para que outros rapazes do show a paquerassem.

Tão logo começaram a fazer piadinhas sobre nós dois, tia Rafaela achou perigoso continuarmos no grupo.

As crises de ciúme só aumentavam.

Enquanto isso, na escola, alunos espalhavam que eu era o namoradinho da tia Rafaela. Entre os professores havia muita fofoca a nosso respeito.

A diretora do colégio chamou tia Rafaela para uma conversa. Ela negou tudo: criança é assim mesmo, sai inventando coisas, nem vale a pena entrar nessa discussão boba...

— Mas e as professoras? — perguntou a diretora. — Também estão ficando loucas e vendo besteira onde não existe?

Para abafar a situação, a diretora pediu gentilmente que tia Rafaela deixasse a escola. Assim, não faria nenhuma denúncia, afinal não tinha provas de envolvimento algum. Aos outros professores, tia Rafaela disse que estava saindo porque tinha recebido uma boa proposta de emprego.

Em casa, quando ela me contou o ocorrido, choramos juntos. O que seria de minha vida sem a presença dela na escola? Só morar com ela já não me bastava; precisava de sua companhia na hora do recreio. Senti medo de perdê-la.

Seu único pedido, repetido diversas vezes, foi: se um dia a diretora chamá-lo para esclarecer algo, deixe claro para ela que só há amizade entre nós. Nada além. Nada.

Estávamos pelados na cama, após transarmos, quando tocou o interfone. Tia Rafaela foi atender e voltou apavorada:

— Davi, pelo amor de Deus! É sua mãe que está subindo. O que vamos fazer?

Minha mãe veio de Florianópolis e ficaria com a família, em Belo Horizonte, até as festas de fim de ano. Então, resolveu nos fazer uma visita de surpresa.

Rapidamente, tia Rafaela tirou todos os meus livros e cadernos de dentro da mochila e espalhou pela cama, enquanto eu corri para meu quarto e vesti uma roupa. Deitei-me na cama e fingi estar dormindo, para minha mãe pensar que, de tanto estudar, eu havia pegado no sono no quarto da tia Rafaela.

Minha mãe entrou e começou a passar a mão no meu rosto e a me beijar. Simulei estar acordando e a abracei, com saudades.

Ela ficou impressionada com o conforto e o tratamento que eu estava recebendo naquela casa. Realmente se convenceu de que estavam me criando como um filho. E sua felicidade se tornou indisfarçável ao ouvir, de tia Rafaela, aquelas costumeiras promessas de um futuro melhor para mim.

Antes de ir embora, minha mãe virou-se e perguntou se eu estava gostando de viver ali.

— Claro que sim, mãe. Aqui eu tenho tudo do bom e do melhor.

Faltava uma semana para o Natal quando eu, tia Rafaela e Laura fomos visitar minha família, na casa de minha avó. Minha mãe e tia Rafaela conversaram sozinhas durante um bom tempo. Depois soube que ela fez muitas perguntas sobre a vida de tia Rafaela, seu passado e sua família. E a fez prometer cuidar bem de mim.

Tia Rafaela aproveitou a situação para pedir que me deixasse morar em sua casa por mais tempo.

— Tenho grandes planos para o futuro dele. Quero colocá-lo em uma boa escola, ajudá-lo a fazer faculdade de odontologia e montar um consultório quando se formar — justificou.

Passei o Natal com minha família. Aproveitei para matar as saudades de minha irmã. No Ano-novo, fiquei com tia Rafaela. Lá, o jantar foi formal e a única alegria da casa era o pequeno Gabriel, que corria por todos os lados.

Fomos passar as férias de janeiro na praia do Morro, em Guarapari (ES). Ficamos hospedados no apartamento de um amigo do Marcelo, uma cobertura de dar inveja. Eram três banheiros na parte de baixo e dois em cima, cinco quartos, duas salas muito bem decoradas, uma cozinha totalmente equipada... e apenas um quarteirão da praia.

Nem bem chegamos e Marcelo já vestiu sua roupa de banho e correu para a praia. Tia Rafaela pediu para Laura ir com o Gabriel, enquanto ela prepararia um lanche para levar a todos. Eu estava tão ansioso para ver o mar que quase fui com Laura, mas tia Rafaela pediu que eu a esperasse.

Quando ficamos a sós, ela me levou ao quarto principal, fechou a porta e desamarrou o biquíni. Sem que eu dissesse nada, abaixou meu calção, deitou-me na cama e começou a chupar meu pênis. Não aguentou e pediu para que eu transasse com ela antes de irmos para a praia.

Foi só uma rapidinha.

No dia seguinte, a desculpa dela para não ir junto com Marcelo, Laura e Gabriel à praia foi a mesma: prepararia o lanche. Dessa vez, quando eles saíram, ela me chamou para tomar um banho com ela. Passou creme sobre seu corpo, deixando-o escorregadio para que, ao menor contato, deslizássemos um no outro. Era gostoso.

Confesso que eu tinha um pouco de medo dessas liberdades. E se o Marcelo voltasse por algum motivo e nos flagrasse? Ela, ao contrário, parecia que tinha fantasias de transar em situações de risco. E, ao que tudo indicava, pretendia transformar essa viagem em uma verdadeira lua de mel, transando comigo todos os dias.

Na praia, eu observava as crianças brincando felizes com seus castelos, suas pazinhas e seus sonhos. Queria ser como elas.

— Vamos mergulhar, Davi? — Marcelo me chamou.

Quando não dava mais pé para mim, ele disse para eu me agarrar às suas costas e respirar apenas sob seu comando. Pela primeira vez, vi que ele se preocupava comigo, demonstrando carinho por mim. Senti-me a pior das pessoas, o ser mais horrível do planeta. Por que não podíamos ser uma família perfeita? Naquele momento, fiquei arrependido por transar com tia Rafaela.

Mas era terrível saber que todas as noites tia Rafaela dormia com Marcelo. Certa vez, explodi. Queria caminhar sozinho pela praia, mas ela não me deixava sair. Bati a porta e fui mesmo assim, gritando que me sentia sufocado, que não conseguia respirar.

Na praia, voltava-me para Deus: por que eu tenho que passar por essa situação? Eu, que nunca fiz mal a ninguém, meu Deus. Só quero ser uma criança normal, viver em paz.

Quando notei, ela estava atrás de mim, me seguindo. Minha garganta tinha um nó apertado, impossível de ser desfeito. Tia Rafaela me pedia calma, dizia que resolveríamos tudo assim que voltássemos a Belo Horizonte.

— Você quer voltar àquela vidinha medíocre e pobre ao lado de seu pai?
— ameaçava-me. — Não jogue fora seu futuro brilhante, Davi.

— Grande merda! Grande merda!

— Calma, Davi. Me escute. Você não é nenhum louco. Eu só quero o seu bem.

Ela me convenceu mais uma vez. Logo depois estávamos tomando um suco em um quiosque. A música que tocava no rádio marcou, para mim, aquelas férias:

*Eu andei errado, eu pisei na bola
Troquei quem mais amava por uma ilusão
Mas a gente aprende, a vida é uma escola
Não é assim que acaba uma grande paixão
Quero te abraçar, quero te beijar
Te desejo noite e dia
Quero me prender todo em você
Você é tudo o que eu queria.*

O que eu não imaginava era a segunda parte da lua de mel que estava por vir. Voltamos a Belo Horizonte, mas ainda tínhamos 15 dias para o fim das férias. Então tia Rafaela sugeriu que fôssemos para o sítio de seu pai. Marcelo, entretanto, precisava trabalhar e só poderia se juntar a nós nos fins de semana.

Sentia-me confuso. Se, por um lado, era bom estar com tia Rafaela, por outro eu percebia que estava sufocado, sem liberdade.

No sítio, tia Rafaela deixou Laura e Gabriel no mesmo quarto. Eu dormiria com ela na mesma cama, pela primeira vez. Na primeira noite, depois de transarmos, deitei minha cabeça em seu peito, como gostava de fazer.

— Tenho certeza de que você é o homem da minha vida, Davi — ela repetia. — Nunca senti na cama, com ninguém, o prazer que tenho com você.

Abracei-a forte e chorei. Senti falta de ar só de pensar em perder tudo aquilo.

— Nunca me abandone, tia Rafaela. Por favor.

— Não se preocupe, Davi. Ficaremos juntos pelo resto da vida.

E começou a me beijar com tanto tesão que tive vontade de penetrá-la novamente. Transamos por toda a madrugada.

O pai da tia Rafaela sugeriu que ela vendesse o apartamento e se mudasse para uma casa que ele pretendia comprar. No mesmo terreno poderiam construir uma academia. Assim, Marcelo e ela poderiam trabalhar juntos e cuidar da casa ao mesmo tempo. Ela adorou a ideia e, no começo de fevereiro, iniciamos os preparativos para a mudança.

Coube a Marcelo cuidar da obra. Tia Rafaela e eu nos dedicávamos a embalar e encaixotar as coisas do apartamento.

Primeiro mês

Com a porta do meu quarto entreaberta, às sete horas pude ver Marcelo caminhando até o banheiro. Escovou os dentes, lavou o rosto e, sem fechar a porta, trocou de roupa. Foi a primeira vez que o vi totalmente pelado. Ele nem imaginava que eu estava acordado e o observava.

Nem bem ele saiu, tia Rafaela me levou para seu quarto. Trancou a porta, tirou a roupa e deitou-se comigo.

— Estava só esperando o Marcelo ir para acordar você — ela me disse com um sorriso estampado no rosto. — Agora podemos ficar juntinhos aqui.

Naquela manhã, tivemos outra maratona sexual.

Enquanto a nova academia não ficava pronta, tia Rafaela dava aulas de natação em uma escola, na parte da tarde. Marcelo chegava tarde, e Laura gostava de ficar na casa de alguma colega... Por mais que eu quisesse brincar com meus amigos, tia Rafaela estava sempre ocupando meu tempo.

Nos fins de semana, costumávamos ir ao Minas Tênis Clube. Não éramos sócios, mas o pai do Marcelo sempre conseguia entradas de cortesia para nós. Laura, eu e outras crianças brincávamos de pega-pega, mergulho e apostávamos quem conseguia correr mais rápido na água. Era meu lado criança em prática.

Depois, íamos tomar banho — tia Rafaela, Gabriel e Laura no vestiário feminino; Marcelo e eu, no masculino. As cabines não tinham portas e, na frente delas, havia um grande espelho ocupando parte da parede. Um dia, enquanto eu tomava banho, fiquei o tempo todo observando o reflexo do Marcelo, seu corpo... Curiosidade. Curiosidade de criança.

Segundo mês

Tornou-se comum eu acordar antes de Marcelo. E, então, secretamente, via-o trocando de roupa, prestava atenção em seu corpo.

Tia Rafaela teve de viajar com o marido às pressas para o sítio, a fim de resolver um problema. Laura e eu ficamos sozinhos. Aproveitei minha liberdade e fui até a garagem do prédio, onde fiquei conversando com um garoto alguns anos mais velho. Falamos de mulheres, filmes... até que o assunto descambou para sacanagem.

Ele me mostrou o volume de seu pênis duro. Eu me assustei porque era grande, bem maior que o meu — ainda de criança. Provavelmente, percebendo meu nervosismo, ele puxou meu braço e disse que se eu contasse a alguém o que tinha acabado de acontecer...

— ... cubro você de porrada, seu moleque!

Aquela imagem ficou na minha cabeça. Quando cheguei em casa, Laura estava vendo TV. Eu, morrendo de tesão:

— Laura, sabe aquelas coisas que os casais adultos fazem na televisão? Vamos fazer também?

Deitei-me na cama de tia Rafaela, tirei a roupa e me cobri com o lençol. Chamei Laura. Quando ela chegou ao quarto, recuou:

— Vou contar tudo para a tia Rafaela, Davi! Que absurdo é esse!?

Só pensava em como estava ferrado. Tia Rafaela iria me matar. Imagina só, tentar transar com a Laura?! E um menino me mostrar o pênis?! Meu Deus, o que acontece comigo? Só pode ser um pesadelo!

Não deu outra. Tia Rafaela soube das duas histórias. Laura contou a parte dela. Uma vizinha mexeriqueira viu minha cena com o menino e também tratou de ir correndo fofocar. Em seu quarto, foi um interrogatório:

— Davi, me explique o que você estava fazendo sozinho na garagem com um menino mais velho?

— Nada, tia Rafaela. Nada.

— Alguma coisa você estava fazendo, Davi. A vizinha me disse que viu...

— Juro que não fiz nada. Estávamos conversando e, quando vi, o pênis dele ficou duro. Tentei correr e ele pegou no meu braço, dizendo que ia quebrar minha cara se eu contasse aquilo para alguém.

— Você pegou no pênis dele? Me diga a verdade, Davi.

— Estou contando a verdade. Foi só isso, mais nada.

— Ok, vou acreditar. Mas que isso não se repita, hein!?

Sobre Laura, tia Rafaela disse que eu tinha traído sua confiança. Onde já se viu, paquerar uma menina que é praticamente uma irmã para mim?

Meus hormônios andavam atiçados. O sexo não me saía da cabeça.

Alguns dias depois, tia Rafaela quis que eu a acompanhasse a uma consulta médica. Fiquei tenso.

— Tia Rafaela, me diz a verdade: você está com alguma doença grave? Não posso nem pensar na possibilidade de algo lhe acontecer...

Ela me olhou apavorada. Meu Deus, deve ser pior do que eu estou pensando. Será que ela pode morrer a qualquer instante, está com câncer, alguma doença incurável?

Segurou meus braços:

— Calma, Davi. O que eu preciso lhe falar é muito sério. Mais grave do que podemos imaginar. Se for mesmo o que eu estou pensando, não sei como sairemos dessa.

Minhas pernas tremiam. Ela continuou:

— Acho que estou grávida. Se isso se confirmar, o filho é seu.

Como assim? Por que a preocupação, então? Ela não ia morrer. Eu não ia perdê-la. E ainda ia ter um filho. Um filho meu.

— Eu vou ser pai? — perguntei, ainda sem compreender direito.

— Fala baixo, Davi! Não vê que as pessoas podem escutar? Você não percebe o que está acontecendo? Já pensou se alguém escuta uma coisa

dessas? — ela ficou brava. — Vou fazer o exame para ter certeza. Só peço a Deus para não ser verdade. Ou como iremos explicar esse filho?

Eu nunca tinha ouvido falar em anticoncepcional. Acredito que tia Rafaela não se preocupava com isso, já que não transava com Marcelo havia algum tempo, e eu era criança demais para ser fértil.

No caminho de volta para casa, o silêncio só foi quebrado uma vez:

— Davi, você precisa sempre me chamar de “tia”. Sou tia Rafaela, certo? Ninguém pode desconfiar que existe algo mais entre a gente...

Eu não entendia as razões daquela reação. Naquela noite, mal consegui dormir.

Terceiro mês

Fui encarregado de ir buscar o resultado do exame de gravidez de tia Rafaela. No ônibus, minha cabeça era um redemoinho que se mexia mais a cada freada brusca. Não conseguia controlar as sensações. Meus amigos da escola iriam morrer de inveja de mim. Como deve ser virar pai? Agora vou ter de trabalhar para sustentar meu filho. Peraí, mas o filho é meu ou do Marcelo? Bom, se ela falou que é meu, é meu. Mãe deve saber. Além de tudo, agora tia Rafaela terá a chance de assumir nosso amor.

— Vim buscar o resultado do exame da senhora Rafaela — disse à recepcionista.

— Claro, meu filho. Aguarde um instante que já vou buscar.

Filho, não. Fui buscar o exame justamente para ver se “meu” filho vai nascer. Era o que gostaria de responder, mas fiquei quieto.

Um minuto depois, lá estava ela com o envelope na mão.

— Você está sozinho? — perguntou-me.

— Sim.

— Olha, aqui está o envelope. Tome cuidado com a rua da frente. Você é muito criança e o trânsito do centro é perigoso demais. Vá com Deus.

Minha vontade era abrir o envelope já no caminho e acabar com aquela angústia. Mas tia Rafaela havia me feito jurar que só iria ver o resultado

com ela, quando chegasse em casa.

Ela me levou para o quarto e trancou a porta. Rasgou o envelope e retirou o resultado. Sua cara era de desespero.

— Diz logo para mim! — eu pedia. — Você está grávida ou não?

— Sim, Davi, estou grávida — ela estava pálida. — O que vamos fazer agora? Como vamos explicar este filho? Você é uma criança, isso pode nos trazer muitos problemas.

Só então comecei a imaginar a dimensão daquilo tudo.

— E o que você vai fazer agora? — perguntei, gaguejando.

— O que vou fazer, não! O que nós vamos fazer! Afinal de contas, você é o pai. Eu não transo com o Marcelo há meses. Meses! Como vou explicar este filho para ele?

Depois de alguns minutos de silêncio — que pareciam horas, dias, séculos —, ela se sentou ao meu lado para explicar sua ideia. Relembrar isso me dói até hoje

— Já sei o que vamos fazer. Vou transar com o Marcelo e falar que o filho é dele. A gravidez está no comecinho e ele nem vai desconfiar de nada.

— Você tem coragem de fazer isso comigo? — gritei. — Como pode falar para o meu filho que o pai dele é outro? Eu quero criar o meu filho! Quero ser pai! Se for preciso, até começarei a trabalhar para sustentá-lo.

— Cale a boca, Davi. Você não sabe o que está dizendo!

— Sei, sim. Por que você não pode falar para as pessoas que eu sou o pai? A gente se ama. Você se separa e vamos criar nosso filho, ué!

— Para, Davi! Já falei mil vezes que ninguém pode saber sobre nós dois. Se descobrirem que você é o pai desta criança, você terá de voltar àquela sua vidinha miserável, na pobreza, lá com sua família. É isso que quer?

Fiquei em silêncio por um momento. Engoli em seco.

No dia seguinte, tia Rafaela entrou em meu quarto e disse:

— Davi, hoje eu vou resolver essa situação. Vou até a academia e lá mesmo darei um jeitinho de transar com o Marcelo.

Definitivamente, eu não precisava saber desses detalhes. Assim que ela saiu do quarto, abracei meu travesseiro e chorei.

Durante a aula, estava o tempo todo com a cabeça distante, longe. Não conseguia me concentrar. Ficava pensando no que tia Rafaela estava fazendo. Ontem eu era pai, agora estava deixando de sê-lo. Para sempre, talvez.

— Está feito, Davi. Acho que conseguimos resolver o problema — tia Rafaela me disse no fim do dia.

— Meu amor, você vai ser pai!

Foi com alegria que ela deu a notícia ao Marcelo, uns vinte dias depois, com novo exame nas mãos. Um exame igualzinho ao que ela leu comigo, em pânico, semanas atrás. Que encenação!

Tia Rafaela entrelaçou seus braços em volta do pescoço do marido e lhe deu um longo beijo. Não suportei a cena. Levantei do sofá — estava vendo TV —, corri para o quarto e bati a porta com toda a força.

— O que foi isso? — ouvi Marcelo perguntando à tia Rafaela.

— Deixa pra lá, querido. Você sabe como é o Davi. Deve estar com ciúmes, com medo de perder o troninho dele.

Quarto mês

Eu não desgrudava de tia Rafaela nem um instante durante a gravidez. Estava apegado à ideia de ser pai.

Marcelo arrumou um trabalho de técnico de ciclismo e começou a viajar bastante com a equipe. Tornou-se tão ausente que eu pude exercer o meu papel paterno sem tê-lo por perto.

Pelas manhãs, tia Rafaela costumava tomar sol no pátio do prédio, conversando com as vizinhas. Alice, que também estava grávida, tornou-se amiga dela. Decidiram que fariam juntas os exames pré-natais e seriam acompanhadas pelo mesmo médico.

Alice ficou intrigada quando percebeu que eu sempre ia com tia Rafaela aos exames:

— Rafaela, por que é o Davi que vai ao médico com você? Você precisa olhar isso. Esse menino não desgruda de você um minuto, não brinca com outras crianças. Fique esperta, senão é capaz de ele ficar com ciúmes quando o nenê nascer.

— Imagine, Alice. O Davi é meu companheiro para todas as horas. Marcelo tem trabalhado muito, coitado.

A gravidez deixou tia Rafaela muito sensível, chorosa por qualquer motivo. Um dia, emocionada, desatou a me contar a história de seu primeiro amor. Daniel era o nome dele. Tinham se conhecido na adolescência e tia Rafaela se entregou a ele de corpo e alma. Depois que Daniel conseguiu o que queria, a abandonou. Então ela conheceu Marcelo. Para se vingar de Daniel, tratou logo de ficar noiva e marcar casamento. Como Marcelo carregava um sobrenome importante, sua família apoiou imediatamente a atitude impulsiva.

Tia Rafaela olhou para mim e disse que seu maior desejo era que o filho que ela esperava nascesse parecido comigo. Que seu rosto fosse idêntico ao meu.

— E se for menino, vai se chamar Daniel! — decidiu.

Ela queria pirar minha cabeça, só poderia ser isso. Que cruel querer que meu filho tivesse o nome de seu primeiro amor...

Poucos dias antes da mudança, minha mãe me ligou avisando que voltava definitivamente para Belo Horizonte.

Não dei muita importância. Tinha certeza de que tia Rafaela daria um jeito de convencê-la a me deixar morar mais um tempo com ela.

Quinto mês

A academia ficou pronta no final de maio. E também nossa linda e espaçosa casa. Meu quarto e do Gabriel era lindo, com duas camas novinhas, televisão e muitos brinquedos. Fiquei deslumbrado com tudo aquilo. Mais conforto ainda. E, praticamente no quintal, a academia, com uma piscina de 15 metros onde eu poderia nadar sempre que quisesse.

Com a inauguração da academia e a gravidez de tia Rafaela, a família dela se tornou mais próxima. Sua mãe, dona Rosália, ficou responsável pela secretaria, recepcionando e fazendo a inscrição dos novos alunos, além de receber as mensalidades. Doutor Maurício, seu pai, ajudava o Marcelo a coordenar os últimos detalhes da obra e, às vezes, saía para pagar contas. Cláudia, sua irmã, era a assistente de tia Rafaela e Marcelo nas aulas. À Laura coube a faxina da casa e os cuidados com o Gabriel. Eu fiquei responsável pela limpeza da varanda, da área da churrasqueira, do canil, dos vestiários e da piscina.

Era um momento de união para que o projeto desse certo, e isso me deixava estimulado. Mas, ao mesmo tempo, com a família toda em volta, tornaram-se raros meus momentos prazerosos com tia Rafaela. Como me sentia deixado de lado, as crises de ciúmes eram constantes.

Uma vez ou outra a gente conseguia dar umas rapidinhas. Era quando eu estava limpando os vestiários, por exemplo. Para mim, era amedrontador transar com a sensação de que poderíamos ser descobertos. Tia Rafaela, por outro lado, parecia ter mais tesão nessas situações.

Num dia qualquer, tia Rafaela entrou apavorada em meu quarto:
— Minha irmã está desconfiada, Davi.

— Como assim?

— Ela disse que “só não vê quem não quer” e chegou a perguntar se o filho que estou esperando é seu.

E, depois de uma pausa dramática, continuou:

— Já falei, você precisa parar de ficar grudado em mim. Ou tudo isso pode acabar.

Mais uma vez fiquei irritado com o jeito que ela me tratou. Tive vontade de que todos descobrissem nossa vida, de uma vez por todas.

O primeiro ultrassom foi marcado.

— Nem adianta você dizer que eu não vou. Quero estar ao seu lado para poder ver meu filho. E se você falar que não posso, vou fazer o maior escândalo.

Chegamos os três ao consultório médico.

— O pai pode acompanhar — disse a recepcionista.

Fui logo entrando junto. O médico questionou minha presença, e Marcelo justificou dizendo que eu era um menino muito curioso.

Fiquei muito emocionado com o exame. Meu coração escapava pela boca. Poxa, eu era responsável por aquela vida que via dentro da barriga da tia Rafaela.

— Parabéns, você está esperando um menino — anunciou o médico, olhando para tia Rafaela.

Mas era como se dissesse para mim.

Sexto mês

De presente de aniversário de 13 anos, pedi uma festa com todos os meus amigos. Tia Rafaela topou, mas pediu que eu não convidasse minha irmã e meus pais. Ela não queria ter problemas com o pessoal da escola, já que oficialmente eu morava com ela porque não tinha família.

Além de meus amigos, foram convidados parentes de tia Rafaela, do Marcelo e amigas da Laura. Marcelo e tia Rafaela ficaram juntos o tempo todo. Para todos, pareciam um casal feliz. Fiquei enciumado. Quando tia Rafaela estava sentada no colo do Marcelo, beijando-o, passei perto e olhei fundo para ela, como quem diz: “Você vai pagar caro por isso!”.

Chamei uma amiga da Laura que queria me beijar desde o começo da festa. Lasquei um beijo nela e ficamos juntos o resto do dia. Quando terminou o aniversário, Laura veio até mim, com um papel na mão:

— Davi, a Marina me mandou entregar este bilhetinho. Ela ficou apaixonada pelos seus beijos.

Tia Rafaela estava perto e ouviu tudo. O *timing* foi perfeito. Seus olhos faiscavam de raiva. E foi com mágoa que ela comentou:

— Olha só o Davi... Pelo visto aproveitou bem a festinha!

— Você está me condenando por algo que eu fiz? — rebati, sério.

— Depois a gente conversa, Davi. Você e Laura tratem de arrumar toda essa bagunça. Vou me deitar um pouco com o Marcelo no quarto.

Eu ficava revoltado quando ela tratava a Laura como empregada doméstica. Mais ainda quando eu me sentia o peão da academia, que só servia para limpar a caldeira e aspirar a piscina, entre outros trabalhos braçais.

A tal conversa, ameaçada por tia Rafaela, aconteceu no dia seguinte:

— Davi, às vezes eu preciso ficar perto do Marcelo, viver meu papel de esposa, entende? O que você queria que eu fizesse perto de minha família e

da dele? Tive de fingir que somos um casal feliz.

— Tá certo. Mas se você pode viver de aparências, eu também posso. Meus amigos estavam todos aqui e não podia deixar que tirassem sarro de mim, espalhando que não gosto de mulher. Mas juro que a ciúmeira que senti de você me deu mais vontade ainda de ficar com a Marina.

— Entendo, Davi, tudo bem. Mas você não pode sair por aí ficando com todas as meninas só para me provocar. Eu tenho um casamento, você sabe muito bem disso. Não quero mais encrenca na minha vida.

— Ok, você tem seu casamento, fica aí transando com o Marcelo, tem sua vida... E o que eu sou na sua vida?

— Davi, já falamos muito sobre esse assunto!

— Tudo bem. Mas que fique bem claro que não vou ficar aturando ver você agarrada ao Marcelo toda vez que tiver uma festinha de família aqui em casa.

— Certo, Davi, vou ver o que posso fazer — finalizou a discussão. — Agora vem cá e me dá um beijo bem gostoso porque eu estou morrendo de saudade de você.

Sétimo mês

Na escola, o principal assunto ainda era a minha festa de aniversário. E minha fama de “pegador geral”.

Como todos elogiaram minha casa, tornou-se rotina marcarmos sessões de videogame depois das aulas. Adorava esses momentos. Sentia-me novamente criança.

Como seria minha vida se eu fosse algum de meus amigos? Eles não tinham grandes responsabilidades, não precisavam se preocupar com uma mulher querendo sexo... Viviam uma fase de cada vez.

Dentro de dois meses eu seria pai, e tia Rafaela sempre me lembrava disso quando cobrava mais maturidade de mim. Daí eu pensava: “Espera aí, eu não pedi para ser pai. Não quero perder os bons momentos de minha vida”.

Mas essa mágoa passava rapidinho. Porque quando eu me dava conta de que teria um filho em meus braços, ficava incrivelmente feliz. E seria apenas 13 anos mais velho que ele, ou seja: poderíamos nos divertir muito mais.

Oitavo mês

Não sei por que razão, tia Rafaela teve uma discussão feia com sua mãe. Doutor Maurício decidiu, a partir de então, que eles não ajudariam mais na academia. Cláudia continuou dando uma força em tudo o que era possível.

Apesar de o trabalho ter aumentado para todos — a academia já estava com duzentos alunos —, achei bom os pais da tia Rafaela longe. Assim, naquelas semanas antes do nascimento de meu filho, conseguiríamos ter mais tempo juntos. E continuaríamos dando nossas escapadas e saciando nossas vontades.

Logo, logo, as aulas daquele ano iriam acabar e eu poderia me dedicar mais a tia Rafaela. E meu filho iria nascer. A cesariana já estava marcada: 22 de dezembro.

Nono mês

O tão esperado dia chegou: 22 de dezembro de 1995. Minha ansiedade era gigante.

Tia Rafaela estava afoita com os preparativos. Ofereci ajuda para arrumar as roupinhas de bebê na mala.

— Davi, fica na sua — ela me disse, com olhar de reprovação. — Eu mesma cuido de tudo.

— Não, deixa que eu ajudo. E depois vou tomar um banho para ir com você até o hospital.

Ela me olhou de um jeito tão frio que eu me senti um nada. Grosseira, falou de um jeito que jamais irei esquecer:

— Onde é que você pensa que vai, hein, rapazinho?! Dessa vez você vai ficar quietinho aqui em casa. Nem pense em me acompanhar até o hospital!

Só conseguir dizer, berrando bem alto:

— Eu vou!

— Escute aqui: quem vai comigo para o hospital é o Marcelo. E não me crie mais problemas.

Nunca me senti tão magoado como naquele instante. Durante toda a gravidez, eu tinha agido exatamente do jeito que ela me pediu, não contando nada a ninguém, nem sobre nossa relação, nem sobre nosso filho. Mesmo que tivesse vontade de espalhar para todo mundo que iria ser pai. Deixei que o Marcelo assumisse o papel que deveria ser meu, sem nem entender direito os motivos. Agora, ele ver o meu filho nascer, no meu lugar... Isso já era demais para minha cabeça.

Mas não adiantava. Todos os meus argumentos não foram ouvidos.

— Chega, Davi! Você quer que eu passe mal antes de ir para o hospital?

Sentindo-me traído por tia Rafaela, liguei para minha irmã. Meu plano era passar uns dias com minha família. Quando comuniquei a decisão à tia

Rafaela, ela puxou-me pelo braço e fomos ao seu quarto. De porta trancada, começamos uma discussão:

— O que você está querendo fazer com minha vida, hein, menino!?

Fiquei em silêncio, cabisbaixo. Ela continuou:

— Quer me destruir, é isso? Pela última vez, vou repetir: não vou me arriscar mais do que já me arrisquei. Se você quer pegar suas coisas e ir para a casa pobre de sua mãe, vá. Faça isso e me deixe em paz!

— Sim, eu vou fazer isso. E sabe por quê? Porque não aguento mais todo mundo falando, na minha frente, que o Marcelo é o pai do nosso filho. Só estou indo para a casa da minha mãe para não me sentir mais humilhado. Ou ainda acabo fazendo o que tenho vontade há muito tempo: gritar para todo mundo que o menino que vai nascer é meu filho!

Dentro do ônibus, eu era um passageiro perturbado. Teria tomado a decisão certa? Acho que sim. Ser humilhado daquela forma era insuportável. Jamais poderia ver aquele homem sendo parabenizado pelo nascimento do meu filho.

Como tínhamos combinado, minha irmã estava me esperando no ponto de ônibus. Quando a vi, abracei-a com muita força. Ela percebeu que algo não ia bem comigo.

— Du — era o apelido carinhoso e a maneira como ela sempre me tratava —, o que está acontecendo?

Não consegui me segurar. Ela estava destrancando um cofre guardado em meu peito. Desabei em lágrimas.

— Du, vamos para casa. No caminho você me conta o que está acontecendo. Não suporto ver você triste ou chorando.

Senti medo. Eu queria desabafar, mas não podia. Lembrava-me de tia Rafaela me fazendo jurar segredo, desde a nossa inocente brincadeira de trocar bala.

— Vamos lá, Du. Se abra comigo. Você está sendo maltratado naquela casa?

“Davi, se você contar isso para alguém, vão nos separar para sempre”, podia ouvir a voz ameaçadora de tia Rafaela.

— Du, conta logo para mim. Por que você está chorando?

Com um nó enorme apertando a garganta, desabafei:

— Ívila, você jura por Deus que, se eu contar a verdade, você guarda segredo?

— É claro, Du. Sabe que pode confiar em mim, sempre.

Hesitei. Pensei em recuar:

— Ah, eu não... Não... Acho melhor ficar de boca calada e não envolver você no meu problema.

— Agora que começou, termina, Du. Estou ficando cada vez mais preocupada. Conta logo, vamos lá.

Novamente fiz com que ela jurasse, por tudo o que era mais sagrado, que jamais contaria para alguém o que eu iria lhe revelar.

— Já prometi, vamos. Conta!

— Mas ainda falta você jurar que não vai contar nem para a mamãe.

— Sim, Du, eu prometo. Agora conte de uma vez. Estou preocupada. E curiosíssima.

— Ívila, você sabe que a tia Rafaela está grávida, né?

— Sim. Mas e daí?

— É que...

Respirei, engoli a saliva e, de uma só vez, senti deslizar pela minha boca aquela frase que nunca tinha podido dizer antes:

— O filho que ela está esperando é meu.

Ívila parecia não acreditar. Em choque, soltou várias perguntas:

— Como assim? Você está louco??? Você e a Rafaela transaram? E o marido dela? Ele vai matar você!!! Há quanto tempo vocês estão transando?

— Desde quando a conheci, praticamente. Ela foi me ensinando um pouquinho de cada vez, até que me levou ao seu apartamento...

— Como assim, Du? Você sabe transar?

— Ela me mostrou um monte de filmes pornôs. Aí eu fui aprendendo.

— E por que você não usou camisinha?

— Ívila, eu sou criança. Como vou chegar na farmácia e pedir camisinha? Acho que nem tem para o meu tamanho...

— Bem que o papai debochava que você estava comendo a professora. Eu nunca podia acreditar que uma coisa dessas pudesse ser verdade... Que absurdo!

Minha mãe veio nos receber no portão. Ela não conseguia conter a alegria ao ver seus dois filhos chegando juntos em casa. Quando a abracei, notei que ela também estava grávida.

Eu ainda não conhecia sua casa nova. Era simples e pequena, apenas um quarto, uma sala conjugada com a cozinha e um banheiro. Ela quis saber de meus estudos, se estava feliz, se continuavam me tratando bem na casa de

tia Rafaela. Disse-lhe que não precisava se preocupar porque tudo ia bem. Mudei de assunto:

— Há quanto tempo você está grávida?

— Já estou de cinco meses. Queria contar pessoalmente para você, Davi, mas como nunca tem tempo para vir aqui...

Minha cabeça parecia que ia explodir. No mesmo dia em que me tornaria pai, descobro que minha mãe está esperando um irmãozinho. Aliás, será que meu filho já tinha nascido?

Quando não aguentei mais, inventei para minha mãe que ia até a padaria comprar umas balas. Corri para o orelhão mais próximo e telefonei para o celular do Marcelo.

— Alô?!

— Alô, quem fala?

— Oi, Davi, aqui é a Cláudia — a irmã da tia Rafaela foi quem atendeu o telefone.

— Oi, Cláudia. Liguei para saber se o nenê já nasceu...

— Sim, sim. Correu tudo bem. Tia Rafaela está dormindo agora.

Voltei para a casa da minha mãe com mais raiva ainda. Tia Rafaela tinha permitido a presença da família toda. Menos a minha. Menos a do pai.

Durante o jantar, minha mãe falava sem parar sobre seus planos para que eu e minha irmã voltássemos a viver, os dois, a seu lado. Eu estava longe, quase nem prestava atenção.

No dia seguinte, pulei cedo da cama.

— Davi, por que acordou tão cedo? Dormiu mal? — minha mãe quis saber.

— Mãe, eu lhe contei que tia Rafaela estava grávida? Ontem ela foi ao hospital para ganhar o nenê e quero telefonar para saber se foi tudo bem.

— Poxa, Davi, por que você não me falou que foi ontem? Telefona, sim, para saber como ela e a criança estão passando. Ela é muito boa para você, tem sido como uma mãe. É nessas horas, meu filho, que precisamos

demonstrar carinho por aqueles de quem gostamos. Telefona lá. E diz para ela que, se precisar de qualquer coisa, estamos aqui.

Dessa vez quem atendeu ao celular foi o Marcelo. Ele estava ao lado de tia Rafaela e na hora passou o telefone para ela.

— Como está meu filho? Ele se parece comigo? Ele está com você agora? Como ele é?

Eu fazia tantas perguntas ao mesmo tempo que ela nem conseguia responder. Pedi-me que ligasse mais tarde.

Voltei para casa pensando qual seria a reação de minha mãe se descobrisse que o neto dela tinha nascido.

Eu sentia culpa por estar mentindo — ou omitindo, como tia Rafaela havia me ensinado — para minha mãe. Pelo menos tinha o carinho e a cumplicidade de Ívila, que fazia de tudo para me deixar calmo e, por alguns instantes, até esquecer o que estava vivendo.

Mais tarde, liguei novamente para tia Rafaela e fui tratado de forma fria. Ela me disse que no dia seguinte o médico lhe daria alta.

— E vou ficar alguns dias na casa de minha mãe para me recuperar bem — contou, sem perguntar se eu queria conhecer meu filho.

Na casa de minha avó, meus primos e eu estávamos ansiosos com a chegada do Papai Noel — é uma tradição de família que o mais velho da casa se fantasie e entregue os presentes à criançada.

Depois de muito “ho, ho, ho” foi aquela farra com os brinquedos novos. Divertimo-nos bastante e só paramos a bagunça para comer.

Fomos embora às três da manhã. Eu não via a hora de o dia clarear. Iria correndo para a casa da mãe da tia Rafaela ver meu maior presente de Natal: meu filho.

Nem tomei café da manhã. Coloquei a mochila nas costas, peguei uma sacola com meus brinquedos, minha mãe me abraçou e eu fui.

Desci a rua em disparada até o ponto de ônibus.

Fui recebido por Cláudia, sorridente, no apartamento de dona Rosália. Ela me levou até o quarto, onde estavam tia Rafaela e o bebê.

Quando entrei, vi a cena mais bela que guardo em minha memória. Deitado na cama, no aconchego de edredons, estava o meu filho. Dormia como um anjinho.

Meu coração disparou. Minhas mãos tremiam. Meus olhos se encheram de lágrimas quando me aproximei dele e o toquei. Fui interrompido pela voz de tia Rafaela me pedindo para segurar o choro:

— Não vá dar bandeira, Davi...

Só então notei sua presença ali no quarto. Continuei admirando meu filho, procurando meus traços nele. Então, virei-me para tia Rafaela:

— Pelo menos o nome dele você vai me deixar escolher, não é?

— Fique bem quietinho, Davi. Eu já mandei o Marcelo registrá-lo. O nome dele é Daniel.

— Não acredito! Não aguento mais isso! Quer dizer que a certidão já está pronta? Meu filho ficou registrado mesmo como filho do Marcelo? E ainda com o nome de seu primeiro namorado? Estou de saco cheio! Não aguento mais bancar o palhaço na sua mão.

Tia Rafaela só me mandava falar baixo, calar a boca, tomar cuidado. Tive vontade de arrancar meu filho de seus braços e sair correndo com ele dali.

De repente, Laura entrou no quarto:

— Vamos, Davi. O tio Marcelo está lá na sala esperando para a gente ir embora para casa.

Saí do quarto sem fechar a porta. Passei pela sala e nem vi quem estava lá. No fusquinha, sentei-me no banco de trás. Fiquei quieto durante todo o caminho.

Tia Rafaela voltou para casa três dias depois. Ainda estava muito magoado com ela, mal conseguia olhá-la de frente. Peguei Daniel nos braços e o levei para meu quarto. Coloquei-o na minha cama e fiz uma prece:

“Meu Deus, obrigado por ter me dado este filho tão maravilhoso, tão perfeito e cheio de saúde. Ajude-me a cuidar sempre dele. Sei que ainda sou uma criança, mas quero que o Senhor me dê toda a força do mundo para que eu possa fazer dele o meu melhor amigo. Que ele seja um homem honesto e que ninguém nunca nos separe.”

Passamos o Réveillon na casa da família da tia Rafaela. No Dia de Reis, 6 de janeiro, eu brincava com Daniel em meu quarto quando o interfone tocou. Era minha mãe e meu padrasto. Fiquei em pânico só de pensar na possibilidade de que Ívila tivesse contado algo para minha mãe.

Tia Rafaela estava descansando em seu quarto. Marcelo e Laura tinham saído, sei lá para onde. Abri a porta da sala e dei um abraço e um beijo neles. Deixei-os na sala e fui chamar tia Rafaela.

— E agora? — perguntei para ela. — Minha mãe e o Gláucio estão aqui. Ela veio visitar você e conhecer o Daniel.

— Aja naturalmente, Davi, numa boa. Está com medo do quê?

— Da minha mãe perceber que ele é a minha cara, ué!?

— Não seja bobo, Davi. O Daniel tem apenas 15 dias...

Quando minha mãe pegou Daniel nos braços, fiquei tão emocionado que, para que ninguém percebesse, inventei que precisava ver algo lá fora.

Minha mãe estava segurando o meu filho, seu neto!

Ao voltar para a sala, pude ouvir minha mãe:

— Rafaela, o Daniel é muito lindo! É a cara do Davi quando nasceu. Loirinho igual!

Tia Rafaela me olhava com cara de quem pedia socorro.

Minha mãe e Gláucio trouxeram alguns brinquedos que eu tinha ganhado no Natal e esquecido na casa dela.

— E isto aqui, Rafaela — disse minha mãe —, é uma pequena lembrança para você. Não há nada que pague o que tem feito pelo Davi. Nunca saberei como agradecê-la.

Eles também trouxeram um presentinho para o Daniel.

Antes de ir embora, minha mãe pediu que eu fosse passar com ela a última semana de férias.

— Mas, Édila, logo agora que estou de resguardo? — tia Rafaela interveio. — O Davi me ajuda muito com o Daniel. Ainda estou me recuperando... Por que não espera até o Carnaval?

— Não, Rafaela. Prefiro que o Davi vá na última semana de janeiro. Abraçou-me, beijou-me e se despediu repetindo:

— Aguardo você na última semana de janeiro.

No dia 26 de janeiro, minha mãe telefonou logo cedo dizendo que me aguardava no final da tarde. Era aniversário do Gláucio e ela faria um jantar de comemoração.

Enquanto minha mãe e Ívila estavam na cozinha, fui para o quarto, onde meu padrasto assistia à televisão. Ele vestia uma bermuda branca e estava sem camisa. Deitei-me ao seu lado. Quando notei que sua mão não saía de dentro da bermuda, não consegui mais prestar atenção na TV. A forma como ele coçava seus pelos me deixou bastante excitado. Atrevi-me:

— Gláucio, por acaso você tem uma pomada para irritações no pênis?
Eu suava de nervosismo.

Ele, como um pai preocupado, perguntou se eu realmente precisava do remédio. Fiz que sim com a cabeça, e Gláucio abriu a gaveta do criado, tirando de dentro dela um frasco.

— Abaixei as calças e me mostre o seu machucado — disse.

No impulso, pedi para que ele me mostrasse o seu pênis também.

Notei que ele ficou assustado. E, novamente em postura paternal, quis saber o motivo de minha curiosidade. Então me mostrou, dizendo que era a coisa mais normal, todo homem tinha um, e eu não devia me preocupar com o tamanho do meu.

Senti algo estranho, quase incontrollável. Tentei evitar mas não consegui. Coloquei a mão no pênis dele e pedi para que me deixasse acariciá-lo. E ainda sugeri que ele desse alguma desculpa para minha mãe no dia seguinte, assim poderíamos ficar juntos durante a manhã.

Gláucio ficou muito incomodado e pulou da cama. Preocupado, perguntou-me:

— Que absurdo é esse, Davi? Com quem você aprendeu isso?

Quando me dei conta do que tinha acabado de fazer, fiquei bastante perturbado e comecei a pedir desculpas, insistentemente. Tive vergonha do

meu padrasto. Estava arrependido. Pedi para ele jurar que não contaria nada para minha mãe. Ele concordou em manter o segredo, mas me fez prometer que eu nunca mais faria aquilo, nem com ele nem com ninguém.

No dia seguinte, percebi que minha mãe não agia com naturalidade. Na certa, Gláucio havia contado a ela. Pior, soube depois: para me “salvar” da suspeita de homossexualidade, Ívila “provou” a ela que eu gostava de mulher, falando sobre tia Rafaela e Daniel.

Sem conseguir segurar o choro, minha mãe me chamou para conversar.

— Filho, pelo amor de Deus, me diga tudo o que está acontecendo. Que negócio é esse de você querer ficar com o meu marido? Em que meio imundo você está morando? E que loucura é essa que sua irmã me contou? O filho da Rafaela é seu?! Vamos, fale logo! Eu sou sua mãe, pode confiar em mim!

Eu não sabia o que dizer a ela.

— Muitas vezes temos problemas que pesam tanto em nossas costas que o melhor jeito é dividi-los com alguém. E não tem pessoa melhor para isso do que sua própria mãe...

— Mãe, eu não sei do que a senhora está falando.

— Filho, presta atenção no que a mamãe vai dizer: eu já vivi muita coisa nesta vida, sei das dificuldades que você está passando e é meu dever ajudar você. Mas, para isso, você precisa confiar em mim. Hoje de manhã o Gláucio veio me dizer que você é gay. Quando disse para a sua irmã, pedindo para me ajudar com essa conversa, ela me contou que você é o pai do filho da Rafaela. Eu vou enlouquecer, Davi! Me conte o que se passa naquela casa! Preciso saber a verdade!

Não suportei a pressão e comecei a chorar. Tudo o que eu mais queria era jogar os segredos no colo da minha mãe. Estaria livre daquele peso infernal que não me deixava mais viver em paz.

— Está bem, mãe. Eu amo a tia Rafaela e sou o pai daquela criança. A tia Rafaela me disse que não ama mais o Marcelo e só está vivendo com ele

para manter as aparências. Ela diz que sou eu quem ela ama.

— Meu filho, como assim?! Isso é atitude de pessoas doentes. É um estupro! Você é apenas uma criança, e se isso realmente for verdade, é pedofilia. Esse casal está abusando de você.

— Não, mãe. Não é o casal. Eu só transo com a tia Rafaela.

— E o marido dela?

— Ele não vê nada. A gente só fica junto quando ele não está por perto...

— Meu Deus!

— Tia Rafaela me ama. Ela é muito boa para mim.

— Isso é o que você pensa, meu filho! Eles são dois pedófilos e, digo mais, aposto que ele é um doente que gosta de saber que sua mulher está transando com uma criança. Como pude ser tão cega e deixar você morar com esses doentes? Como não enxerguei isso antes, meu Deus!?

— Mãe, por favor, não faça nenhum mal à tia Rafaela. Eu a amo demais. Se a senhora fizer qualquer coisa para prejudicá-la, serei obrigado a ficar contra a senhora.

— Olha só, meu filho, essa mulher manipula você. Ela faz de você um brinquedinho.

Minha mãe decidiu ir, imediatamente, à casa do meu pai, para contar a ele tudo o que estava se passando.

— Danilo, o Davi acaba de me confessar que o filho da Rafaela é dele.

Para espanto de minha mãe, meu pai soltou uma risada debochada:

— Eu falei, Davi, que esse negócio de comer a professora ainda ia acabar dando confusão... E você ainda fez um filho nela!? Este é o meu garoto!

Minha mãe se irritou:

— Não posso acreditar no que estou vendo e ouvindo! Você acha bonito essa mulher estar abusando de nosso filho? E além do mais, estão ensinando para ele um monte de sem-vergonhices... Imagina que ele queria que o Gláucio ficasse sozinho com ele lá em casa. É isto que estão ensinando para o nosso filho. Além disso, eles têm também uma menina. Ali devem estar acontecendo orgias. São dois doentes abusando de crianças! Isso é crime e eu vou colocá-los na cadeia!

Saí correndo da casa de meu pai e fui até um orelhão. Queria falar com tia Rafaela, mas não conseguia, ficava mudo. Na terceira tentativa, um som escapou de minha boca. Ela, assustada, perguntou:

— Davi, é você? Se for, diga algo. Estamos todos esperando uma ligação do meu irmão que está viajando e, nessas horas, sabe como é, ficamos preocupados por qualquer coisa.

Eu não conseguia falar nada. Então ela perguntou novamente:

— Davi, se for você, diga alguma coisa!

— Tia Rafaela, sou eu.

— Davi, que palhaçada é essa? Por que ficou calado e me deixou nervosa?

— É que eu tenho uma coisa muito importante para lhe dizer, tia Rafaela.

— Então, diga.

— Minha mãe descobriu tudo.

— Tudo o quê, Davi?

— contei a ela que nos amamos e que o Daniel é nosso filho. E me parece que ela está indo para sua casa com meu pai.

— Você ficou louco, Davi? Quer acabar com minha vida, é isso? Não é possível. Você só pode estar brincando... Como isso foi acontecer?

— Eu contei para minha irmã. E acho que ela contou tudo para minha mãe.

— Davi, se ela vier aqui eu vou desmentir tudo. Direi que você ficou louco.

— Tia Rafaela, preciso desligar.

Quando voltei à casa do meu pai, eles ainda estavam discutindo. Minha mãe insistia que aquilo era caso de polícia. Meu pai, machista, não percebia o mal que podiam estar fazendo a mim.

Voltamos para a casa de minha mãe. Ela, decidida a tomar todas as atitudes cabíveis numa situação como essa. Não consegui dormir naquela noite. Meu maior medo era o que tia Rafaela iria fazer comigo.

Na manhã seguinte, minha mãe me levou ao escritório do doutor Múcio, um velho amigo dela, advogado. Mal conversamos durante o caminho.

Enquanto minha mãe explicava a história ao advogado, fiquei na sala de espera. Depois de um tempo, abriram a porta e me chamaram para entrar também na sala. Doutor Múcio me cumprimentou:

— Há quanto tempo, Davi! Você está ficando um garoto muito bonito! Sabia que vi você nascer? Por isso gosto de você como se fosse um filho. E sua mãe está muito preocupada, diz para mim: o que aconteceu entre você e sua professora?

Contei a ele toda a verdade. Sinceramente, na minha ingenuidade de criança, ainda não tinha percebido a gravidade da situação. Nunca tinha enxergado meu relacionamento com tia Rafaela como algo criminoso.

Doutor Múcio sugeriu que minha mãe desse queixa na delegacia. E, em seguida, fosse com meu pai à casa da professora e buscasse todas as minhas coisas. Ao ouvir isso, caí na real: algo grave podia acontecer com tia Rafaela, como ela sempre havia temido. Então mudei minha atitude e gritei para minha mãe:

— Se a senhora fizer qualquer coisa contra a tia Rafaela, eu jamais a perdoarei!

Depois de sairmos do escritório, passamos na igreja São José, no centro da cidade. Diante de todos aqueles santos, ela me fez dizer toda a verdade mais uma vez, com a promessa de que não levaria o caso para a justiça. Não dava para mentir diante de todas aquelas imagens. Vozes gritavam na minha cabeça. Umas diziam para eu contar tudo, outras me chamavam de trouxa e burro. Confessei tudo a minha mãe, como se um grito escapasse de minha alma. Contei-lhe sobre os beijos na sauna, as maratonas de sexo na cama da tia Rafaela, a verdadeira lua de mel no sítio de Brumadinho.

Cada vez mais perplexa, minha mãe não conseguia se mexer no banco da igreja. Meu peito se sentia mais leve. As vozes começavam a silenciar, não me assombravam mais. Choramos muito. Minha mãe fez mais um pedido:

— Leve-me à casa da tia Rafaela, Davi. Quero ter uma conversa com ela.

Tia Rafaela estava sozinha. Parecia assustada. Eu lhe disse que podia ficar calma, pois minha mãe estava com boas intenções e só queria nos ajudar.

— Davi, o que está acontecendo? Você está me deixando preocupada.

— Tia Rafaela, eu contei tudo para minha mãe.

— Tudo o quê, Davi?

— Contei toda a verdade sobre a gente. Contei a ela que nós nos amamos e que o Daniel é meu filho.

— O que é isso, Davi? Você ficou louco? Você pirou? De onde você tirou essa história maluca?

Minha mãe interrompeu:

— Rafaela, meu filho não ficou louco. Ele só não suportou o peso da situação.

— Mas é tudo mentira, Édila. Ele ficou louco, sim. Davi, não faça isso ou ainda vai acabar me prejudicando. Eu que sempre ajudei você, sempre fiz tudo para o seu bem.

Tia Rafaela falava olhando fundo nos meus olhos, como se suplicasse para que eu desmentisse tudo.

— Tia Rafaela, minha mãe está aqui para ajudar.

— Ajudar em quê, Davi? Não estou precisando de nenhuma ajuda.

— Rafaela, você precisa confiar em mim — pedia minha mãe. — Quero o seu bem e, principalmente, o bem do meu filho. Confie em mim.

Aos poucos, minha mãe conseguiu transmitir confiança suficiente para arrancar a verdade de tia Rafaela:

— É verdade, Édila. Eu amo muito seu filho. E não quero perdê-lo, quero fazê-lo muito feliz.

— Mas como assim, Rafaela!? Você é uma mulher casada. Como você explica essa situação para sua família?

— Eles não sabem de nada.

Minha mãe se mostrava calma e, com jeitinho, fez tia Rafaela lhe contar que Daniel era realmente meu filho.

Tia Rafaela falou que estava com medo de que Marcelo chegasse. Então as duas acertaram que continuariam a conversa no dia seguinte, na casa de

minha mãe.

— Olha o que você arrumou, Davi! Eu avisei! Você vai ver no que vai dar isso! — tia Rafaela reclamou, assim que desceu do ônibus no ponto perto da casa de minha mãe, onde eu fui encontrá-la na manhã seguinte.

Eu olhei para ela, com o Daniel no colo, e falei, confiante:

— Minha mãe não vai fazer nada. Ela me prometeu. Ela compreende nosso amor.

Quando chegamos em casa, minha mãe pegou o Daniel e começou a olhar para ele, emocionada, pela primeira vez com a consciência de que se tratava de seu neto:

— Davi, é incrível como ele se parece com você! Tem seus olhos, seu narizinho, o desenho da boca é igual...

Mas o momento feliz, de normalidade, passou rápido. Minha mãe colocou o neto para dormir e virou-se para tia Rafaela:

— Muito bem... Aqui ninguém irá nos interromper e você pode me falar tudo.

— Édila, eu e o Davi nos amamos muito.

— Desde quando isso acontece, Rafaela?

— Começou logo depois que nos conhecemos...

— Então você mentiu para mim desde o início? Afinal, quando a conheci, você me disse que o amava como se fosse um filho.

— Sim, Édila. É que não tive coragem de contar...

— Mas como fica a situação na sua casa? E seu marido?

— O Marcelo não sabe de nada.

— Como assim, Rafaela? Como ele pode não saber, não perceber nada?

— Olha, Édila, meu casamento há muito tempo não vai bem. Eu e o Marcelo não temos mais uma vida de casal.

— Não estou entendendo: se você não tem relações com seu marido e ele não sabe nada, como você explicou este filho para ele?

Tia Rafaela olhou para mim e perguntou:

— Posso contar para sua mãe, Davi?

— Contar o quê, tia Rafaela?

— O que foi que você me mandou fazer para que a gente desse um jeito na situação...

E, antes que eu respondesse algo, continuou, virando-se para minha mãe:

— Édila, o Davi teve a ideia de que eu fosse até a academia, que ainda estava em obras, e transasse com o Marcelo.

— O quê? O Davi teve a ideia?

Horrorizada com o que ouvia, minha mãe começou a questionar por que razão tia Rafaela insistia tanto em um casamento que não dava certo.

Também perguntou sobre Laura.

— Ah, Édila... Ela é apenas uma menina que encontramos na rua, muito suja e com fome. Resolvemos ajudá-la. Em troca, ela me dá uma mão com as crianças.

Minha mãe agia como se concordasse com tudo. Mas frisou que não iria admitir o triângulo amoroso. Ficou acertado que ela daria um prazo para que tia Rafaela resolvesse a situação com o marido.

Implorei a minha mãe que me deixasse ir embora com tia Rafaela. Ela permitiu. Parecia até que começava a aceitar a história.

Já na rua, tia Rafaela esbravejou:

— Davi, Davi... Eu não estou gostando nada da sua mãe se intrometendo em nossa vida. Ela vai nos causar sérios problemas, escute bem o que eu estou dizendo. Você, com sua boca grande, não perde por esperar! Escreva o que eu estou dizendo: sua mãe está fingindo!

Infelizmente, tia Rafaela estava certa.

Encontrei tia Rafaela chorando quando voltei da escola.

— O que aconteceu?

— Eu não falei? Eu não falei, Davi? Tudo o que eu disse, aconteceu!

— O que aconteceu, tia Rafaela?

— Sua mãe me denunciou. Está me processando por pedofilia e abuso sexual.

— Não acredito, não pode ser verdade. Vou falar com ela.

— Não adianta, Davi. O que está feito, está feito.

Era o plano de minha mãe: fingir que estava do nosso lado, obter toda a verdade e denunciar tia Rafaela. A essa altura do campeonato, Marcelo também já estava sabendo de tudo, afinal foi ele mesmo quem recebeu a intimação das mãos do oficial de justiça.

Tia Rafaela garantiu ao Marcelo que minha mãe estava inventando aquilo tudo por ciúmes, afinal eu tinha decidido que não voltaria a viver com ela.

— Falei isso porque era a única forma de termos o Marcelo do nosso lado — explicou-me. — Mas você vai ter que confirmar essa história, dizer que sua mãe ficou louca.

O advogado contratado por tia Rafaela acreditava que, como tudo havia começado com uma suspeita de minha sexualidade, seria interessante continuar nessa tecla. Eu não entendi, e ele fez questão de explicar mais uma vez:

— Sua mãe começou tudo porque ela achou que você fosse gay, não é isso?

— Sim, por isso mesmo.

— Então vamos falar que você inventou essa história que tinha um filho com a Rafaela porque você ficou com medo de que sua mãe descobrisse que você era gay.

— Mas eu não sou gay.

— Nós sabemos, Davi. Mas você vai precisar dizer isso para convencer a delegada — insistiu o advogado.

Fiquei morrendo de vergonha só de me imaginar contando essa história na delegacia. Tia Rafaela, fora de controle, se ajoelhou na minha frente e, segurando as minhas mãos, implorou para que eu fizesse exatamente como o advogado estava pedindo, senão ela acabaria presa e nunca mais nos veríamos novamente.

Para ela poderia parecer fácil.

Na delegacia, minha mãe não tirava os olhos, cheios de ódio, de tia Rafaela. Fui chamado à sala da delegada, que me pediu para responder às perguntas dizendo toda a verdade. Nervoso, só conseguia ouvir o barulho da máquina de escrever e o ruído da cadeira velha onde me sentei.

— Davi, você tem namorada?

— Não, senhora.

— Como é sua vida na casa da Rafaela?

— Eu gosto muito dela e do tio Marcelo. Vivendo com eles, tenho uma boa casa, uma boa escola e pratico esportes. Lá é bem legal. Somos uma família.

— Davi, por que você não tem namorada? Aposto que seus amiguinhos já têm um monte de namoradas.

— Não tenho namorada porque não gosto de meninas.

— Você é um menino tão bonito, educado, simpático e não gosta de meninas? Por quê?

— Delegada, tem um bom tempo já que eu percebi que é dos meninos que eu gosto mais. Quando estou com meus amigos, tenho vontade de vê-los de um jeito diferente.

— De que jeito, Davi?

— Gosto de vê-los trocando de roupa, por exemplo. Gosto de olhar para seus corpos quando estão sem camisa. De tocá-los... Sei lá... Eu fico

excitado toda vez que vejo um menino tomar banho.

— Mas e a Rafaela, você gosta dela?

— Sim, muito. Como se fosse uma tia para mim.

— Vocês já ficaram sem roupa um na frente do outro?

— Não, delegada. Eu morro de vergonha dela.

— E na frente do Marcelo, você já trocou de roupa?

— Perto do tio Marcelo, já. Foi no clube, quando tomamos banho juntos.

— Você e o Marcelo já tomaram banho juntos?

— Não juntos debaixo do mesmo chuveiro. Eu em um chuveiro e ele em outro. E eu gostava de ficar olhando para ele e para os outros homens do vestiário trocando de roupa.

— E por que você falou para sua irmã, e depois para sua mãe, que você e Rafaela namoravam e que o filho dela era seu?

— Eu inventei tudo, delegada. Tudo mentira. Eu inventei essa história porque tive medo de dizer para minha mãe que sou gay. Mas agora vejo que com isso acabei prejudicando a vida da tia Rafaela, que é tão boa para mim.

— Tudo bem, Davi. Muito obrigada. Pode sair da sala.

Ainda na delegacia, minha mãe me perguntou o que eu tinha dito à delegada.

— Escuta aqui — respondi, agressivo —, eu não vim aqui para falar com a senhora, não! Eu vim para falar com a delegada. A senhora é louca e mentirosa! Quer estragar minha vida! Louca! Vagabunda!

Ela não se conteve e me deu um tapa na cara. Forte, capaz de me arremessar para o outro canto da sala. O barulho chamou a atenção de todos na delegacia, que vieram ver o que estava acontecendo.

— Saia de perto dessa mulher, Davi! Eu posso até ser presa, mas eu mato essa pedófila! Vagabundos são esses dois e o que estão fazendo com você. Eu quero ver esses vagabundos na cadeia! Aposto que se fosse um homem que tivesse comido uma menininha, ele já estaria atrás das grades, sendo estuprado pelos outros bandidos. Mas uma mulher, ou melhor, esse monstro que abusou de meu filho, está aqui com a cara lavada, de santa, e ainda jogando meu filho contra mim!

Marcelo virou-se para minha mãe e ousou pedir para que ela se acalmasse.

— Rapaz, você fique quieto — ela continuou. — Sua posição nessa história eu ainda vou descobrir, viu?! Corno manso! Ou vocês fazem surubas com essas crianças em sua casa? É isso: você é o verdadeiro come quieto. Se tem a cara de pau de estar aqui com ela é porque concorda com tudo. Está mais que claro para mim que você é tão doente e safado quanto ela.

Tia Rafaela estava com os olhos hipnotizados de pânico e medo. Ela implorou que eu obedecesse a minha mãe e saísse do seu lado. Foi o que fiz. Não porque minha mãe mandou, mas porque tia Rafaela pediu.

Depois que todos deram seus depoimentos, a delegada determinou que eu fosse para a casa de minha mãe. Fui sem nem me despedir de tia Rafaela.

Eu era um peixe fora d'água na casa de minha mãe. Não tinha nada ali que fosse meu, e o clima entre meu padrasto e eu era o pior possível — afinal, tudo se complicou após a besteira que eu tentei fazer com ele.

No dia seguinte, minha mãe pediu que um amigo nos levasse até a casa de tia Rafaela, para que eu buscasse minhas roupas.

— Vou ficar esperando aqui fora, Davi. Não converse com ninguém e não demore, senão entro eu mesma lá, faço um escândalo e pego todas as suas roupas.

Senti que deixava ali parte da minha vida. Tia Rafaela me abraçou, garantiu que tudo acabaria bem e me pediu que não deixasse de dar notícias. Beijamo-nos.

Minha vida voltava a ser como antes. Não tinha mais os banhos de piscina, a toalha lavada e passada com cheirinho de gente rica, o cobertor macio, um quarto aconchegante.

Diariamente minha mãe me acompanhava até a porta da escola, para se certificar de que estava mesmo indo para as aulas, e não fugindo para a casa da tia Rafaela. O que ela não imaginava era que eu começaria a dar meus jeitinhos de escapar no fim da aula.

Marcelo não aprovava essas visitas, ainda que rápidas.

— Você está se arriscando demais, Rafaela — ele dizia —, depois de tudo o que aprontou, esse menino não devia nem pisar mais em casa.

Ela não ligava. Recebia-me de coração aberto, entrávamos no quarto que era meu, trancávamos a porta e eu me deitava em seu colo. Só conversávamos e matávamos a saudade. Foi uma época sem sexo, até porque o meu tempo era curto.

Telefonei para tia Rafaela no dia do aniversário dela.

— Venha me visitar, Davi. Não adianta nada reunir toda a minha família e meus amigos e faltar justamente quem mais me faz sorrir: você.

Combinamos um encontro em uma rua tranquila perto de sua casa. Inventei para minha mãe que precisava ir à casa de um colega. Ela deixou, sem desconfiar de nada.

No ônibus, estava tão ansioso como se estivesse prestes a ter um primeiro encontro com uma namoradinha nova.

Ela chegou com um pedaço de bolo embrulhado.

— É o primeiro pedaço, Davi. Guardei para você.

Sentada no chão, com as costas apoiadas em um muro, ela colocou minha cabeça em seu colo e, passando a mão nos meus cabelos, beijava-me de tempos em tempos. Chorou muito, repetiu que não aguentava mais viver longe de mim, que todos os dias acordava e achava que sua vida era um pesadelo infinito.

— Vamos até minha casa — ela convidou, depois de muito controlar a vontade.

Quando entrei, ela me serviu mais um pedaço de bolo, salgadinhos e um copo de refrigerante. Eu olhava para tudo: as paredes da mesma cor, os

móveis nos mesmos lugares, os mesmos enfeites, o mesmo jeito. Mas eu não fazia mais parte daquele lugar. Não era mais o mesmo para mim. Até o cheiro me parecia outro.

No dia seguinte, voltei a pedir a minha mãe que me deixasse mudar para a casa de meu pai.

— Lá eu me sinto mais à vontade...

Claro que, no fundo, pensava que voltando a viver com ele ficaria mais fácil tornar a me encontrar com tia Rafaela.

Tanto implorei que minha mãe acabou concordando. Mais tarde, meu pai veio me buscar.

“PROFESSORA É ACUSADA DE SEDUZIR MENOR.”

“PROFESSORA É ACUSADA DE ABUSO SEXUAL.”

“MESTRA CONFESSA A SUA PAIXÃO.”

Com o jornal sobre a mesa, a diretora da escola me perguntou se eu preferia ir embora ou achava melhor continuar na aula, fingindo que nada tinha acontecido. Acabei ficando. Os professores instruíram os alunos a não comentar nada comigo sobre a reportagem do jornal. Ninguém me disse nada, mas notei que, na hora do recreio, alguns alunos me olhavam de um jeito estranho, com vontade de perguntar alguma coisa.

Foi um dos dias mais difíceis que passei na escola.

Quando cheguei à casa de tia Rafaela, ela segurava o jornal.

— O bairro inteiro já sabe da história. Nunca passei por tanta humilhação na minha vida, Davi, nunca. Muitos pais de alunos vieram cancelar a matrícula dos filhos aqui na academia, chamando-me de pedófila.

Li o jornal com calma. A reportagem contava duas versões da mesma história: uma de minha mãe; outra de tia Rafaela.

Tia Rafaela mandou que eu fosse embora para a casa de meu pai. Não era seguro ficar em sua casa, ainda mais depois de tudo aquilo.

— Se alguém perguntar o que veio fazer aqui, diga que tinha de pegar livros e cadernos que haviam ficado em casa — orientou-me.

Mostrei o jornal ao meu pai. Ele ficou assustado com o nível a que a situação tinha chegado.

— Davi, não volte a visitar essa professora. Pelo menos não por enquanto... Espere a poeira baixar.

Nos dias que se seguiram, era comum deparar com jornalistas visitando a escola onde eu estudava. Fotógrafos esperavam na porta, tentando tirar fotos. Essas coisas tiravam o meu sossego. Meus amigos começaram a me evitar, a pedido de seus pais, já que eu não deveria ser “boa companhia”. Todos se afastavam de mim, com medo de se envolver no escândalo.

Com a publicação da reportagem, minha mãe decidiu que eu voltaria a morar com ela. Seu argumento era único: na casa de meu pai eu não era vigiado o suficiente, pois voltava a me encontrar com tia Rafaela.

Eu sentia ódio de minha mãe.

Era cada vez mais complicado falar ou estar com tia Rafaela. Encontrávamo-nos rapidamente em escapadinhas que eu dava da aula.

— Davi, precisamos descobrir alguma coisa na vida de sua mãe que possa condená-la — ela planejava. — Enquanto isso, finja que concorda com tudo.

Eu me comprometi a cumprir o combinado.

— Acho que você deveria ficar com algum amigo perto de sua casa, para provar que realmente é gay — ela cogitou.

— Tia Rafaela, eu não sou gay.

— Mas é o que precisa provar, para confirmar tudo o que disse na delegacia e nos salvar dessa enrascada.

Minha mãe tinha feito uma denúncia no SOS Criança, para que tivéssemos ajuda psicológica. O que mais me marcou na primeira consulta foi quando ela perguntou à sexóloga se realmente havia a possibilidade biológica de eu ser pai de Daniel.

— Sim, Édila. Apesar de ele ser bem novo, as atividades sexuais constantes podem ter precipitado o amadurecimento dos espermatozoides.

Os primeiros dias na casa de minha mãe foram bem complicados. Não conseguia mais me aproximar dela, nem perdoar o que vinham fazendo comigo. Para mim, ela era a principal culpada por me distanciar das duas coisas que mais amava naquele momento: tia Rafaela e meu filho.

Em minha cabeça, só imaginava como iria destruí-la. Era só minha mãe sair de casa que eu corria para mexer em suas coisas, tentando cumprir o plano de tia Rafaela.

Um dia, encontrei um envelope dentro de uma mala onde ela guardava documentos. Quando abri, achei que meus problemas tinham chegado ao fim.

Guardei o envelope em minha mochila e corri para um orelhão.

— Tia Rafaela, acho que consegui nossa liberdade!

— Como assim, Davi?

— Encontrei um monte de fotos de sacanagem da minha mãe com o Gláucio — disse, segurando a mochila como se aquelas polaroides que estavam dentro dela fossem um tesouro precioso.

— Ótimo, querido. Esconda bem isso que amanhã dou um jeito de passar na escola para pegar com você.

Quando entreguei o envelope para tia Rafaela, senti que estávamos muito perto de destruir minha mãe.

— Meu filho, você está hoje com uma carinha melhor.

Até minha mãe percebeu como estava feliz, leve, após a aula. O que ela jamais poderia esperar era que essa felicidade era porque estava armando um cruel jeito de apunhalá-la pelas costas.

No dia seguinte, quando cheguei da escola, minha mãe chorava:

— Davi, a Rafaela me telefonou para dizer que você entregou a ela fotos minhas muito íntimas, e que amanhã mesmo elas estarão em todos os

jornais de Belo Horizonte. O que você está querendo fazer com nossas vidas?

— Mas, mãe... — eu não sabia o que dizer.

— Você não tinha o direito de mexer em minhas coisas. Eu não inventei nada. A Rafaela mesma confessou para mim, em uma daquelas nossas conversas, tudo o que eu disse sobre ela. O que vocês estão querendo fazer? E ainda vão acabar expondo, mais uma vez, o Gláucio, que não merece passar por esse vexame.

Apesar do ódio que eu sentia por minha mãe, não podia deixar de dar razão a seus argumentos. Em uma encruzilhada, dividido, não sabia o que fazer, dizer. A vontade era de sumir.

— Toda essa situação está destruindo meu casamento. Você não vê que já estou quase na hora de ganhar nenê? Passo mal todos os dias, estou num ponto que não aguento mais, Davi. Você me odeia e não consegue enxergar a situação. Está sendo totalmente manipulado por aquela mulher.

A cada pausa dela, eu me perdia mais em minha mente.

— Se eu continuar nesta guerra, ou morro ou perco você para sempre. Por Deus, Davi! Um dia você vai entender tudo. Essa mulher é doente. Por mais que eu sofra agora, tenho certeza de que um dia você vai entender que sua mãe não está brigando com você. Estou brigando por você. Todas as minhas atitudes são para o seu bem, porque eu o amo muito.

Eu comecei a chorar.

— Só o tempo vai fazer você enxergar tudo. Assim, meu filho, decidi que prefiro você distante do que desejando a minha morte. Você é meu filho, saiu de dentro de mim e eu o conheço muito bem. Escreva o que eu estou dizendo: você vai crescer, vai assumir quem você é e descobrir o mal que esses dois estão lhe fazendo.

E finalizou:

— Já telefonei para seu pai. Vou entregar sua guarda para ele. O que não significa que esteja desistindo de você. Vou me sentar e aguardar você cair na real. Estarei sempre esperando. Conte comigo quando precisar.

Minutos depois, meu pai buzinou. Peguei minha mochila, entrei em seu carro, sem me despedir de minha mãe. Eu me sentia livre dela. Livre. E era

o que eu mais queria.

Viver com meu pai era bem mais fácil. Voltei a frequentar a casa da tia Rafaela e, sempre que dormia lá, deixava uma peça de roupa, um caderno ou um outro objeto qualquer. Quando meu pai percebeu, já estava morando novamente com ela.

Perdi totalmente o contato com minha mãe.

— Davi, vou me separar do Marcelo — anunciou-me, certo dia, tia Rafaela. — Ele ainda vai morar em casa por um tempo, até acertar as coisas. E também para manter as aparências, já que todas aquelas denúncias são muito recentes.

Minha felicidade era indisfarçável.

Quando Marcelo saiu de casa definitivamente, mudei-me para o quarto da tia Rafaela. Tivemos uma nova fase de lua de mel, com longas madrugadas de sexo. Mais experiente, eu conseguia dar a ela um prazer muito maior do que ela dizia sentir no começo de nosso relacionamento.

Nossa rotina era de uma família: eu me levantava às seis, estudava de manhã — estava na 4a série —, almoçava em casa, ajudava na academia à tarde. Cláudia, irmã da tia Rafaela, continuava trabalhando com a gente e parecia apoiar nossa relação.

Como me sentia o homem da casa, comecei a me preocupar em desenvolver meu tamanho e porte físico para parecer mais adulto. Afinal, como tia Rafaela iria me apresentar para as pessoas como seu marido se eu parecia uma criança? Pedi para Cláudia me ensinar exercícios físicos que acelerassem o desenvolvimento de minha musculatura. Também iniciei uma dieta para criar massa. Minha maior dificuldade, entretanto, era parar de chamá-la de “tia” Rafaela.

Seus pais, dona Rosália e doutor Maurício, às vezes apareciam para breves visitas. Era estranho como, apesar de todo o escândalo, eles nunca tocaram no assunto. Parecia que não sabiam de nada. Ou achavam melhor fingir não saber.

Nossa lua de mel não durou muito. Não foram poucas as vezes em que fiquei constrangido porque Rafaela parecia se esquecer de que agora eu era seu “marido”. Quando brigava comigo, na frente da Laura ou de seus alunos, ela me humilhava, dizendo que eu era imprestável e que não fazia nada direito.

— Rafaela, você precisa escolher entre o Davi homem e o Davi empregado — disse a ela, certa noite. — Não vou aceitar ser maltratado por você. Se na cama eu sou seu macho, tenho de transar gostoso e fazê-la se sentir mulher, então durante o dia preciso que me trate de igual para igual.

Ela me pediu desculpas e disse que ia tentar se controlar.

Passamos as férias de julho em Caldas Novas (GO), na Pousada do Rio Quente. Em um hotel ficaram os pais da Rafaela, sua irmã e Gabriel. Eu, Rafaela, Laura e Daniel ficamos em um chalé afastado, que era mais barato. Quando entramos no quarto, Rafaela pediu para Laura levar o Daniel para brincar com o Gabriel. E assim que ficamos a sós ela me jogou na cama como havia muito tempo não fazíamos. Tirou minha roupa devagarinho, saboreando cada pedaço do meu corpo.

— Como você está musculoso, Davi — disse, vendo como os exercícios físicos estavam fazendo efeito.

E demorou-se em mim com sua língua. Era um prazer que, confesso, fazia muito tempo não sentia. Talvez nunca tivesse sentido daquele jeito, aliás.

Transamos e gozamos repetidas vezes.

Rafaela parecia querer muito comemorar nossa primeira viagem como um casal de verdade. Estávamos em outra cidade, ninguém nos conhecia, e

isso a deixava despreocupada com a reação das outras pessoas. Se alguém me perguntava a idade, ela logo se adiantava e respondia:

— Ele tem 18 anos.

Não sei se as pessoas acreditavam, mesmo com todos os exercícios físicos e dietas. Afinal, eu era um menino de 13 anos. Mas procurava não pensar nisso e até me esquecia de que ela tinha 27 anos.

Quando ela me beijava na piscina, os outros hóspedes costumavam arregalar os olhos. Muitas vezes até saíam de perto.

Caminhávamos abraçados com Daniel em meu colo. Meus cuidados com ele deixavam claro que se tratava de meu filho. Isso também deixava as outras pessoas chocadas, mas nós não ligávamos.

De volta a Belo Horizonte, Rafaela sugeriu que passássemos a fazer churrasco todos os fins de semana. Ela percebia que eu sentia falta de ter amigos de minha idade, e sua ideia faria com que a turma da escola frequentasse a nossa casa.

Então chegou meu aniversário de 14 anos. No churrasco, meus amigos mais próximos e os parentes de Rafaela. Quando a festa terminou, percebi, pela primeira vez, que ninguém de minha família tinha me ligado para dar parabéns. Será que minha mãe finalmente tinha desistido de tudo? Poderia viver em paz com Rafaela?

Ao mesmo tempo, naquele dia, comecei a questionar minhas atitudes com relação a Rafaela. Não era justo, afinal, o peso das responsabilidades que ela punha sobre mim. Sempre que eu tentava ser um garoto normal, ela vinha com cobranças, jogando nas minhas costas que eu não estava cumprindo as obrigações de pai. Poxa, mas o Daniel tinha nove meses e não sabia quem era seu verdadeiro pai.

Eu estava amadurecendo, e percebia, com uma nitidez cada vez maior, o quanto Rafaela me dominava. Afinal, apesar de tudo o que havíamos passado, a situação era exatamente a mesma. O processo de divórcio estava em trâmite e não podíamos assumir por completo nossa relação. Eu

continuava sendo seu homem de noite, dentro do quarto. Durante o dia, era apenas o Davi, o rapaz que limpava a academia e, para todo mundo, não passava de seu sobrinho.

Com a mudança de Laura para a casa do Marcelo — o que muito estranhei, pois imaginava que ela fosse preferir continuar vivendo comigo e com Rafaela —, tive de me desdobrar um bocado para dar conta do serviço da academia.

No início de março, quando cheguei da escola, encontrei Rafaela transbordando de felicidade. Depois de muitas orações e novenas, o inquérito que minha mãe tinha aberto contra ela simplesmente desapareceu.

— Como conseguiram isso, Rafaela?

— Foram minhas orações para São Judas Tadeu.

Perguntei se nisso não tinha dedo de seu pai, um juiz muito influente. Ela garantiu que não — o que, até hoje, não me convenceu.

Achei que já era hora de ensinarmos o Daniel a me chamar de pai. No início, ela relutou; com o tempo, passou a concordar. Começamos a mostrar para ele fotos e a lhe contar uma história que era mais ou menos assim:

“Um dia nasceu uma linda criança que era muito amada e que tinha dois pais. Um pai do coração, que o amava muito, e o outro que era seu pai verdadeiro e que também o amava muito. Esta criança chamava de pai o do coração. Só que o pai de verdade ficava triste porque queria ser chamado de pai também. Então um dia esta criança começou a chamar os dois de pai. E ela foi muito feliz e amada pelos dois”.

Rafaela contava a historinha para Daniel mostrando-lhe o álbum com fotos minhas, do Marcelo e dele. A ideia era que o menino aprendesse sua própria história.

Quando Daniel completou dois anos, uma vez perguntou se o menino da historinha era ele e se o outro pai era eu. Rafaela disse que sim.

— Mas eu quero ter um pai só, como o Gabriel — respondeu, escolhendo o Marcelo para ficar igual ao irmão mais velho.

Rafaela notou meu desapontamento, mas disse para eu ter paciência, senão a cabecinha dele podia ficar ainda mais confusa.

Levou um tempo para eu ouvir, da boca dele, o que esperei tanto:

— Pai!

Fiquei eufórico e gritava. Queria que todo mundo ouvisse que meu filho me chamava de pai. Rafaela, mais uma vez, veio com seus gelados baldes de água:

— Como vamos explicar para todo mundo o Daniel chamando você de pai?

— Chega, Rafaela. Agora basta! Já tenho 15 anos. Só não vê que eu sou o pai do Daniel quem não quer! Cansei de mentir e de omitir. Não vou deixar de forma alguma que meu filho cresça chamando o Marcelo de pai.

Eu falava de modo tão firme que, pela primeira vez, ela nem sequer ousou me contrariar.

Aos domingos, costumávamos visitar os pais de Rafaela. À noite, doutor Maurício nos levava de volta para casa de carro. Um dia, ele de repente demonstrou que sabia de nossa relação. Chamou-me para uma rápida conversa. Confesso que senti medo, mas ele conduziu tudo com uma naturalidade surpreendente:

— Espero que não me decepcione, rapaz. Assumir uma família é algo que pede grande responsabilidade.

Respondi que cuidaria de todos com muito carinho.

Estava tão nervoso que até hoje me pergunto se a conversa foi só isso mesmo.

Para complementar a renda, Rafaela e Cláudia começaram a criar cães *rottweilers*. Começamos, então, a passar parte dos fins de semana nos shoppings que realizavam feiras de filhotes. Era comum que Marcelo aparecesse para ver, sempre acompanhado de Laura. Suspeitei de que eles estivessem tendo um caso.

Eu falava de meninas com amigos na porta do colégio. Queria muito beijar uma garota da minha idade, experimentar com ela sensações que só tinha com a Rafaela. Em uma festinha, cheguei junto de uma e pedi para ficar com ela.

Levei-a para um canto mais reservado e comecei a beijá-la. Excitado, não me contive. Minhas mãos passavam em seu corpo. Por baixo de sua blusa, sentia sua barriguinha e comecei a descer mais. Sabia muito bem aonde queria chegar.

Do nada, fui surpreendido por um tapa na cara.

— Seu tarado! — ela me xingou.

Descobri, então, que não gostava de meninas. Gostava de mulheres.

Nunca mais quis saber de nenhum rolo com garota da escola.

Marcone tinha 17 anos e era meu único verdadeiro amigo. Estudávamos sempre juntos e comecei a chamá-lo para passar os fins de semana em casa. Nessa época, eu estava para completar 16 anos.

Rafaela se incomodava um pouco com essa proximidade. Eu sempre frisava que Marcone era uma pessoa de minha confiança, amigo mesmo. Raramente ela me deixava ficar sozinho com ele. Estava sempre por perto, me beijando, me abraçando, mostrando que era minha mulher.

Quando o professor de história nos passou um trabalho em dupla, fomos pesquisar na biblioteca.

— Depois vamos lá em casa para adiantar o trabalho — sugeriu Marcone, que morava com a mãe. — É melhor capricharmos, pois este vale nota.

Liguei para Rafaela, avisando que chegaria mais tarde. Ela só pediu que eu não demorasse muito.

Na casa de Marcone, separamos os livros e as reportagens que usaríamos para escrever o trabalho. Levamos mais tempo que o previsto e anoiteceu. De repente, um forte temporal caiu sobre a cidade. Quando estávamos quase terminando, acabou a luz. Abrimos a janela do seu apartamento e notamos que a rua onde ele morava estava completamente alagada, com água entrando nas lojas e residências.

Preocupado com Rafaela e os meninos em casa, sozinhos, liguei para ela.

— Rafaela, não há a menor possibilidade de sair do apartamento agora. Talvez eu tenha de passar a noite aqui.

— Davi, se vire, mas venha embora. Quem vai cobrir a piscina? Quem vai colocar lenha na caldeira? Você não tem um pingô de responsabilidade, Davi!

— Rafaela, se a chuva parar, vou embora na hora. Se não, amanhã bem cedo dou um jeito em tudo.

— Fazer o quê, né, Davi? Mas amanhã quero você aqui bem cedo, às cinco e meia!

A luz voltou por volta das dez horas, mas a rua continuava alagada. Marcone arrumou uma cama em seu quarto para eu dormir. Ficamos papeando até de madrugada, falando das meninas do colégio e de besteiras em geral. Acabei pegando no sono e deixei-o falando sozinho.

Ele ajeitou meu cobertor, apagou o abajur e, de repente, comecei a sentir carinho em meu rosto. Permaneci imóvel. Não sabia se ele estava acordado ou tendo algum ataque de sonambulismo.

Marcone se deitou sobre mim e encostou sua boca no canto de meus lábios. Continuei sem reação. Tentei fingir que tinha sido um acidente. Mas ele me beijou. Tomado por uma força incontrollável, beijei-o também.

Meu corpo tremia. Ora ficava gelado, ora esquentava. Foi um beijo muito diferente dos que eu estava acostumado a trocar com Rafaela. Marcone me beijava com carinho, com vontade. O beijo era suave, sem pressa, mas firme. Ele parecia querer registrar cada segundo daquele beijo.

Senti as mãos de Marcone entrando em minha bermuda. Deliciei-me com suas carícias em meu pênis, duro. Comecei a fazer o mesmo com ele. Tiramos as roupas e nos abraçamos. Beijamo-nos novamente, agora sentindo bem nossos corpos. Começamos a masturbar um ao outro.

Depois de gozarmos, Marcone deitou a cabeça em meu peito. Fiquei fazendo cafuné até que ele dormisse.

Meu Deus, como foi difícil olhar nos olhos da Rafaela e fingir que nada tinha acontecido na noite anterior. Ela bem que tentou arrancar algo, enchendo-me de perguntas. Mas eu disfarcei ao máximo — tinha aprendido, afinal, a omitir.

Ao mesmo tempo que sentia nojo e culpa pelo que tinha feito, parecia ter gostado de tudo aquilo. Acabei não indo à escola porque estava com vergonha de encontrar Marcone. Na academia, entre uma aula e outra,

lembrava-me das cenas vividas durante a madrugada. Será que sou gay?
Não, não. Não pode ser...

À tardinha, o telefone tocou. Era Marccone.

— Oi, Davi, tudo bem com você? Fiquei preocupado, você não foi à aula hoje...

— Está tudo bem. Eu só me senti muito cansado.

— Você vai amanhã?

— Sim, amanhã eu vou.

Quando nos encontramos na escola, chamei-o para conversar.

— Por favor, Marccone, não toque mais nesse assunto. Acho melhor nem nos cumprimentarmos mais.

Dava para perceber a tristeza em seu olhar. Marccone era um cara muito peculiar, que realmente mudou minha vida.

A imagem de meu beijo gay conturbou meus pensamentos durante longo tempo. Mesmo que tentasse relutar, distrair-me com outras coisas, a cena não me saía da cabeça. E Rafaela parecia perceber meu distanciamento em casa.

Chamei Marccone novamente para conversar.

— Se eu soubesse que isso iria prejudicar nossa amizade, Davi, jamais teria feito o que fiz — disse-me em tom de arrependimento.

— Minha cabeça está bem confusa, Marccone, mas eu não quero me afastar de você.

Gostava de sua companhia. Seu jeito me transmitia carinho.

O romance que vivi com Marccone durou pouco. Ele teve de se mudar para outra cidade e tal fato me deixou conformado em seguir meu futuro ao lado de Rafaela. Não contei a ela sobre Marccone.

Certo dia, um casal de lésbicas foi em casa comprar um filhote de *rottweilers*. Eram duas mulheres educadíssimas, Gilza e Cássia, e acabaram se tornando grandes amigas nossas. Acabei ficando mais próximo de Cássia, que era mais jovem e expansiva.

Uma vez elas estavam em casa e começamos a falar sobre relacionamentos. Sincero, lancei:

— Sinto uma angústia grande porque descobri que também sinto uma certa atração por homens...

Brava, Rafaela atirou em mim uma garrafa cheia de cerveja, molhando-me todo.

— Davi, não diga isso. Você me humilha com esse papo na frente dos outros.

Tentei explicar que não era uma coisa que eu queria sentir, mas acontecia, era mais forte que eu. Sentei-me no chão e comecei a chorar, dizendo que não pedi a Deus para nascer assim, não dependia de mim.

— Quero ficar com você, Rafaela, mas preciso de ajuda.

Ficou decidido que eu começaria a fazer terapia. Sempre que Rafaela perguntava sobre o tratamento, eu respondia que estava fazendo efeito. Para ela, o fato de eu me sentir atraído por homens era doença. Mas o fato de ela se sentir atraída por uma criança de 11 anos era normal.

No fundo, as sessões com a psicóloga me mostravam que eu precisava resolver minha vida se quisesse ser feliz. Difícil era compreender meus sentimentos. Por um lado, queria muito continuar com Rafaela. Por outro, pensava que também precisava ter uma vida de solteiro, viver uma grande paixão, exercer minhas próprias conquistas, viajar e curtir a vida. Tinha vontade de conviver com pessoas da minha idade, sentir os mesmos conflitos, levar uma vida normal.

Rafaela fazia chantagem emocional:

— Se você quiser ir embora, a porta está aberta.

Mas, no fundo, ela sabia que eu não teria coragem.

Para piorar, a academia estava cada vez pior. Os matriculados eram poucos e mal estava dando para mantê-la em funcionamento.

Gilza e Cássia convidaram eu e Rafaela para comemorarmos o Dia dos Namorados em um bar GLS. Eu nunca tinha ido a um lugar daqueles e fiquei louco com tantos homens bonitos. Elas perceberam meu olhar de cobiça.

De lá, emendamos a noite em uma boate GLS. Quando entramos, Cássia recebeu três bilhetinhos destinados a mim. Prudentemente, não me entregou, por causa de Rafaela. E respondeu aos rapazes que eu estava acompanhado por minha esposa.

Um homem, ao cruzar comigo, não perdeu a oportunidade e passou a mão em mim. Rafaela ficou tão incomodada com o lugar que decidiu que sairíamos de lá na hora.

Liguei para Cássia no dia seguinte, sem que Rafaela soubesse. Combinei que passaria em sua casa depois do almoço para conversarmos.

— Meu coração dispara só de imaginar todos aqueles garotos da minha idade vivendo livres e realizando suas fantasias — desabafei, compartilhando com ela todas as minhas aflições.

Ela disse que as coisas não poderiam ser resolvidas assim. Eu deveria pensar muito bem antes de tomar qualquer atitude, afinal eu tinha uma família para cuidar. E eu lá queria saber de família? Estava para completar 17 anos, queria aproveitar a vida!

A academia acabou mesmo sendo fechada. Assim, passaram a ser minhas as obrigações com a casa e os meninos. Fazia almoço, dava banho e arrumava o material escolar deles. Então ficava no portão até que a van escolar chegasse. Durante meses, essa foi minha rotina.

Extremamente confuso, propus a Rafaela que começássemos a frequentar uma igreja evangélica.

— Quem sabe, então, nossa vida não será muito mais feliz?

Ela, a princípio, não gostou da ideia. Mas, aos poucos, cedeu.

O pai de Rafaela cuidou de providenciar a venda da academia. Ele arrematou, em um leilão, um apartamento no bairro Santo Antônio. Seria uma nova fase em nossas vidas.

Decididos a fazer da casa nova um marco para nossas próprias vidas, depois da mudança, assumimos a verdadeira postura de marido e mulher. Daniel poderia até me chamar de pai na frente de qualquer pessoa, que não nos preocuparíamos.

Rafaela e eu éramos dois bobos, olhando para os detalhes do novo apartamento. Era claro e arejado. Estávamos empolgados com tanto conforto.

Passeando pelo bairro, vi uma igreja evangélica, a igreja Batista Central. Entrei e pedi informações sobre os dias e horários dos cultos. Uma semana depois, estávamos lá, Rafaela e eu. Quando entramos, vimos pessoas pulando e dançando, bem alegres, ao som de uma banda. Ficamos observando toda aquela manifestação de fé. E saímos de lá com uma enorme paz no coração, já fazendo planos de voltar dali a uma semana.

Rafaela começou a dar aulas de natação no Minas Tênis Clube e eu tentava, a todo custo, arrumar um emprego. Não tinha experiência profissional alguma, a não ser o conhecimento prático adquirido na academia.

Enquanto não trabalhava fora, tentava manter a casa em ordem. Lavava, passava e cozinhava. Fazia todos os serviços domésticos, enquanto Rafaela pagava as contas. Sentia-me inútil. Era uma situação humilhante para mim. Na igreja, sempre pedia a Deus que me ajudasse a conseguir um trabalho. Queria ser o chefe de família.

Aos poucos, fomos nos aproximando do pessoal da igreja. Alguns passaram a frequentar nossa casa, tornando-se nossos amigos. Eu ainda tinha minhas fraquezas, mas buscava força em Deus para não trair Rafaela nem meus sentimentos. O bairro novo, a casa nova e a vontade de uma vida nova serviam de estímulo para mim.

Consegui emprego de professor de natação em uma academia. Rafaela determinou que meu salário seria dividido em dois: metade serviria para pagar a escola do Daniel; a outra metade aplicaríamos na poupança. Infelizmente, a alegria durou pouco: com falta de alunos, a dona da academia me demitiu um mês depois.

Na igreja, aos poucos, conseguia falar um pouco sobre meus conflitos, sem ser muito direto. Estudávamos versículos bíblicos e orávamos uns pelos outros. Acabamos nos aproximando de um casal, Alex e Sônia. Eles eram mais velhos que eu, tinham idade para ser meus pais. Nunca questionaram minha relação com Rafaela nem o porquê de Daniel me chamar de pai.

Nessa época, o pai de Rafaela começou a insistir que deveríamos nos casar de papel passado. Segundo ele, seria uma satisfação à sociedade, para que pudéssemos viver em paz. Concordamos. Procurei meu pai e pedi que ele providenciasse minha emancipação.

Rafaela e eu fomos batizados, nos tornamos membros oficiais da igreja Batista Central e começamos a fazer um curso para casais. Em uma das reuniões, um amigo da igreja, o Márcio, perguntou se eu estava trabalhando. Diante da minha negativa, disse para eu passar em sua empresa, pois iria me ajudar.

No dia seguinte, levantei-me bem cedo. Tomei banho, vesti uma roupa social e fui até a empresa. Uma senhora me explicou o funcionamento do departamento de contas a pagar. Em seguida, Márcio me disse quais seriam minhas tarefas ali. E marcou meu exame admissional e uma dinâmica.

— Fique em paz, Davi. Deus está provendo na sua vida — sentenciou.

Márcio me ligou alguns dias depois. Eu estava na cozinha preparando o almoço. A notícia era boa: tinha sido selecionado. Comecei a pular feito louco, corria pelo apartamento, gritava:

— Eu consegui! Eu consegui!

Gabriel e Daniel não entendiam nada. Assustados, me perguntaram:

— Conseguiu o quê?

Disse a eles que começaria a trabalhar no dia seguinte e que estava muito feliz. Daniel não gostou muito da ideia:

— Pai, por que você tem que trabalhar?

— Filho, para ganhar dinheiro. Para melhorar nossa vida.

— Deixe só a mamãe trabalhando... Eu não quero que você trabalhe.

Quem vai fazer nosso almoço? Quem vai fazer lição da escola comigo?

Quem vai brincar de monstro com a gente? Não quero que você trabalhe...

Ouvir meu filho dizendo aquilo foi maravilhoso. Mas eu precisava crescer e conquistar meu espaço. Não dava para continuar bancando a dona de casa, submisso a Rafaela.

Telefonei para Alex, contando do emprego. Ele ficou tão empolgado que me levou ao shopping e me deu um banho de loja.

— Um homem de Deus tem que trabalhar com a melhor roupa — disse-me.

Cinto, camisa social, sapato, gravata e até relógio eu ganhei. Ele explicava que, se todos se ajudassem, o mundo seria bem melhor. Fiquei sem graça, pois jamais esperava atitudes assim de alguém. O que se via na igreja era o contraste entre a ostentação de riqueza de uns e a miséria de outros, situação que pouco lembrava a generosidade de Alex comigo.

No dia seguinte, me preparei para o trabalho prestando atenção em cada detalhe. Havia muito tempo sonhava com aquele momento: sairia de traje social para o trabalho e meu filho se orgulharia de mim. Rafaela colocou uma canção de louvor para a gente escutar enquanto tomávamos o café da manhã. Daniel chegou pertinho de mim e disse:

— Pai, lá na escola eu falo que meu pai é o mais bonito do mundo! Pai, eu amo muito você!

Levava os meninos na escola de manhã, ia para o trabalho, pegava-os na escola na hora do almoço, almoçava em casa, voltava para o trabalho. Rafaela mudou seus horários de aula, conseguindo passar as tardes com Gabriel e Daniel. Eu estava feliz.

Na igreja, fomos chamados pelo pastor para conversar sobre nossa união. Explicamos que não éramos casados, mas já vivíamos juntos, como marido

e mulher, havia muito tempo. Ele sugeriu que eu saísse de casa até formalizarmos nosso casamento. Como isso não seria possível, pedimos uma alternativa.

— Durmam em quartos separados e fiquem sem ter relações sexuais até receberem a bênção do casamento — ele determinou.

Rafaela saiu da igreja indignada. Nas primeiras semanas, foi muito difícil beijá-la, ficar excitado e não poder fazer sexo nem me masturbar.

Ao mesmo tempo, começamos um curso na igreja, no qual éramos incentivados a confessar nossos pecados uns aos outros. Pedi para ser o primeiro. Segurei nas mãos da Rafaela e clamei a Deus para que me perdoasse, lavasse meu passado com seu sangue, me fizesse um novo homem:

— Oi, meu nome é Davi. Quero dizer que é muito difícil para mim estar aqui e contar a minha história. Quero muito ser perdoado. Há uns dois anos fui apaixonado pelo meu melhor amigo. Depois entrei algumas vezes no vestiário só para ver os rapazes tomarem banho. Não queria fazer essas coisas, mas tem hora que sinto atração por homens e não sei o que fazer. Quero que Deus me liberte e me perdoe pelos meus pecados.

Enquanto eu falava, Rafaela apertava cada vez mais a minha mão. Ela olhava para mim como se dissesse: “Cale a boca, pelo amor de Deus! Você está me matando de vergonha”. Quando acabei de confessar, os irmãos estavam boquiabertos. Rafaela parecia querer cavar um buraco e entrar nele de vez.

Na volta para casa, Rafaela chorava de ódio.

— Desculpe-me. Não queria ofendê-la nem humilhá-la. Só disse a verdade porque queria ser perdoado.

Até saírem os papéis do casamento, ficamos seis meses sem transar. Foi horrível. Meus hormônios pareciam subir à cabeça. Numa noite, Rafaela e eu começamos a nos beijar e não resistimos. Descambamos para carícias mais intensas até que gozamos. Na mesma hora, ela se ajoelhou no chão e fez uma oração de arrependimento. Eu fiz uma de satisfação.

Chamamos Sônia e Alex para serem nossos padrinhos de casamento.

Quando cheguei ao cartório, me deu vontade de adiar tudo. Pedi para ir ao banheiro e fiquei olhando para a janela, bem pequena e com grades — impossível fugir por ali. Na hora de assinar o livro, o nervosismo só aumentou. Minhas mãos suavam, parecia que eu estava assinando meu atestado de óbito. Apesar de já ter uma vida conjugal com Rafaela havia anos, só naquele momento sentia o peso de estar casado.

À noite, fizemos uma pequena recepção para amigos e parentes. O pastor estava lá, pronto para dar a bênção. Com uma aliança de uns 30 gramas enfiada no meu dedo, sentia, nas costas, o peso da responsabilidade de ser um homem casado.

Estávamos tão cansados naquela época que só na terceira noite teríamos a tão aguardada noite de núpcias. Rafaela lembrou-se das palavras do pastor e se ajoelhou ao lado da cama para rezar antes de transarmos. Orei e brochei. Não dava para imaginar que os anjos de Deus estariam presentes no quarto, nos abençoando enquanto transávamos.

— Fique calmo, Davi. Essas coisas acontecem. É só ter paciência.

Em anos de vida sexual ativa, era a primeira vez que aquilo me ocorria. Isso me deixou pensativo a noite toda. Não poderia ser bênção de Deus. Era sacanagem divina!

Ao longo da semana, Rafaela tentou de tudo: criou climinha romântico, mandou os meninos para a casa da mãe, vestiu *lingerie* sensual... Nada funcionava. Eu não conseguia transar depois de orar. Às vezes, eu estava na maior empolgação quando ela parava tudo e dizia:

— Temos de pedir a Deus para abençoar nosso amor.

Pronto, brochava.

Como não conseguia descarregar minha energia sexual, vivia tendo sonhos eróticos. Na maioria deles, estava transando com homens. Eram situações em que me reencontrava com Marcone e não ficávamos só na masturbação, mas eu o penetrava com firmeza e tesão. Ou relembrava o rapaz que tentou me agarrar no vestiário da academia; e, dessa vez, eu voltava para o vestiário, deixava-me ser agarrado por ele, tomávamos um banho juntos e depois entregávamo-nos aos mais quentes prazeres.

Certo dia, eu voltava da padaria da esquina de casa e vi que tinha uma pessoa no orelhão. Algo nela me despertava a atenção. Fui observar mais de perto. Já na porta do prédio, fiquei parado, olhando para o telefone público, fingindo que estava esperando alguém. Ao ver que a pessoa desligou o telefone e vinha em minha direção, entrei no prédio, deixando o portão aberto, já que não havia porteiro. Fiquei aguardando na escada.

Meu coração pulava, não cabia no peito. Quando vi, já não tinha mais volta.

Dentro de meu prédio, aproximou-se de mim, olhou fundo nos meus olhos e me beijou. Minhas pernas tremeram. Com medo de que chegasse alguém — Rafaela tinha saído com as crianças para visitar uma amiga da igreja —, levei-o para dentro do apartamento.

Abraçamo-nos, beijamo-nos... parecia que já nos conhecíamos havia anos. Foi tudo muito rápido. Transamos e gozamos juntos. Meu corpo explodia, liberando toda a tensão.

Depois que terminamos, bateu o sentimento de culpa:

— Qual o seu nome? — perguntou.

— Davi. E o seu?

— Cris.

— Desculpe-me, Cris, mas eu não deveria ter feito isso com você.

— Como não? Foi tão bom... — ele argumentou.

— Sou casado. Aliás, acabei de me casar. Esqueça meu nome e onde eu moro. Não me procure mais. E se você me vir na rua, nem me cumprimente.

— Davi, o que fiz com você foi muito bom. Quero poder me encontrar com você de novo.

— Que loucura! Eu estou lhe dizendo que sou casado e tenho um filho. Vá embora, por favor!

— Vou embora, mas não vou desistir de você.

Ele me beijou e se foi.

Fiquei com medo de que a história se espalhasse. O bairro onde morávamos era pequeno e estava com receio de que tudo chegasse aos ouvidos de Rafaela.

Demorei-me no banho. Queria remover de meu corpo aquele cheiro que só eu parecia sentir. Era cheiro de pecado. Em seguida, fui até a sala e coloquei uma canção de louvor para tentar esquecer o que tinha acabado de

fazer. Ajoelhei-me no chão e comecei a orar pedindo que Deus me perdoasse e não me deixasse cometer esse pecado de novo. Queria sumir, tamanha a vergonha que sentia.

Quando Rafaela chegou, fingi que já estava dormindo.

Levantei-me bem cedo no dia seguinte. Disse a ela que precisava chegar logo ao trabalho, pois tinha muitas pendências a resolver.

Tentava trabalhar, mas a lembrança do Cris não deixava. Seu rosto, seu sorriso, seu beijo... tudo ficou impregnado em minha cabeça. Aquela transa realmente tinha me marcado. De repente, tocou o telefone:

— Alô!?

— Oi, Davi. Sou eu, o Cris.

Surpreso, perguntei:

— Como você conseguiu o telefone do meu trabalho?

— Pois bem. Não falei nada ontem porque não tive tempo. E fiquei com receio de sua reação... Mas também sou da igreja e já faz um tempinho que tenho observado você. Tomei a liberdade de pedir seu telefone para o rapaz da secretaria. Liguei na sua casa e a Rafaela atendeu. Disse a ela que era do seu grupo e que precisava falar com você.

— Você está louco!

— Quero ver você de novo. Posso passar aí no seu trabalho no fim do dia?

— Não! Claro que não!

— Olha, vou esperar em frente ao escritório, Ok?

— Meu Deus! Como você é inconveniente. Por favor, não me ligue mais. Não me procure e não venha aqui.

Desliguei o telefone na cara dele. Só conseguia pensar na encrenca em que eu tinha me metido. Mais uma encrenca. Mas aí me vinha à cabeça todo o prazer que havia sentido com ele, como tinha sido tão bom...

Saí do trabalho e o avistei. Pensei em fugir, sair correndo, nunca mais olhar para a cara dele. Mas achei melhor conversar para ver no que ia dar.

Fomos até a praça da Liberdade, onde nos sentamos para conversar.

— Cris, podemos ser amigos. E orarmos juntos, no grupo, para nos libertar deste mal.

Ele achava graça.

— Não quero me libertar de pecado nenhum, Davi. Quero é mostrar a você que cada um vive do jeito que é feliz.

Cris queria me provar que duas pessoas podem viver bem, do jeito que são, sem fingir para a sociedade.

Quando me dei conta do horário, já eram oito da noite. Rafaela devia estar preocupada. Cris me acompanhou durante boa parte do caminho de volta e seguimos conversando. Gostei da companhia dele. Pela primeira vez, conseguia me abrir com alguém e falar claramente dos meus problemas, sem medo de ser discriminado.

— Isso são horas, Davi? Por que tanto atraso? — Rafaela me perguntou, nem bem entrei em casa.

— Estava no trabalho. As coisas estão meio complicadas por lá e devo chegar mais tarde todos os dias durante esta semana.

Na cama, Rafaela me provocava e me atiçava de todas as maneiras. Ela estava sedenta, queria muito ser possuída por mim como nos velhos tempos. Eu só pensava no Cris. A mulher que amei durante anos já não me atraía mais.

Quando ela se levantou para trabalhar, enrolei um pouco mais no quarto. Tomei um banho, sossegado, e liguei o rádio para ouvir música. Fazia tempo que não ouvia nada que não fosse louvor religioso. Coloquei uma roupa mais bonita, passei gel no cabelo e fui para o trabalho.

Pela primeira vez, reparei nos ipês da praça da Liberdade, no reflexo do sol no Palácio do Governo, nas curvas do Niemeyer... No trabalho, até Márcio notou que eu estava diferente, mais animado, mais leve.

Cris me esperava novamente na saída.

— Estou feliz com você, Davi. Está se dando uma oportunidade de reencontrar a alegria.

Estava mesmo. Sem medo do que as pessoas podiam pensar de mim, começava a ser eu mesmo.

Compramos sanduíches e refrigerantes e fomos conversar, sentados na grama perto da fonte da praça da Liberdade.

Naquele momento, Cris me fazia a pessoa mais feliz do mundo. Conseguia até me esquecer das pressões e obrigações impostas pela Rafaela.

Não me lembro o motivo, mas naqueles dias houve uma comemoração na empresa. A sala estava toda decorada com balões em forma de coração. Peguei um e saí de fininho, sem que ninguém visse. Fui me encontrar com Cris, na praça.

Eu não conseguia acreditar no que acabava de fazer: entreguei o balão de coração a ele em um local público. Livrementemente, sem me preocupar com os outros.

Então surgiu o convite para uma festa. Um amigo do Cris queria que eu fosse ao aniversário de seu namorado.

— Mas eu nunca saí à noite sem a Rafaela... Vai ser praticamente impossível conseguir ir.

— Dê um jeito, Davi. Mas apareça, hein!?

Se ainda fosse durante a semana, ficaria mais fácil. Mas em um sábado? O que falaria para Rafaela?

Não inventei desculpa alguma. Somente disse a ela que iria à festa de um amigo.

— Davi, precisamos conversar.

— Não estou muito bem, Rafaela. Não podemos conversar depois?

Ela ficou parada na frente da porta do quarto e, de braços cruzados, disse que me proibia de ir à festa. Se fosse preciso, até chamaria seus pais para conversarmos:

— Nada vai me impedir de ir. Eu vou com ou sem sua autorização. Já está tudo combinado com meus amigos.

— Que amigos, Davi?

— Meus amigos. Não posso ter meus próprios amigos?

— Claro que pode, Davi. Mas custa me dizer de onde eles são?

— Custa, sim. Eu não quero dizer.

Fui tomar banho. Quando saí, era como se estivesse voando, criando asas, me libertando. Então notei que os pais de Rafaela já estavam sentados no sofá da sala.

Ela me tratou como se fôssemos o casal mais apaixonado do mundo. Abraçou-me mansamente e perguntou se eu iria sair. Sem deixar que seu joguinho manipulasse a cena, cumprimentei seus pais e me despedi dela dizendo que não demoraria.

Quando cheguei à festa, Cris e seus amigos mal puderam acreditar.
— Davi, acho que este é o primeiro passo para você ser feliz de verdade!
— comemorou Cris.

Ele nunca disse para eu me separar de Rafaela. Mas insistia que eu precisava saber se gostava de mulheres ou de homens.

No meio da noite, liguei para Cláudia. Queria desabafar.

Havia um segredo sobre ela que, da família, só Rafaela e eu sabíamos. Ela descobriu-se lésbica — antes nunca tinha transado com homens — e estava namorando Cássia, aquela nossa amiga, escondido da família. Cássia se separou de Gilza só para ficar com ela.

Talvez por todo esse histórico, ela tenha entendido o que se passava comigo.

— Davi, no fundo já era de imaginar que isso iria acontecer. Fique tranquilo e, seja qual for sua decisão, conte com meu apoio — disse-me ao telefone.

Mais que isso, ela e Cássia nos convidaram — Cris e eu — para passar um fim de semana com elas em Uberaba (MG).

Quando cheguei em casa, os meninos estavam dormindo com Rafaela em nossa cama. Fui para o quarto do Gabriel e deitei lá, sozinho. Passei a noite em claro, pensando em tudo que estava acontecendo.

No domingo, bem cedo, Rafaela me chamou. Como de costume, iríamos à igreja.

— Pode ir na frente com os meninos, que eu vou daqui a pouco — disse a ela.

Para ser sincero, não estava com a menor vontade de ir à igreja. Queria ficar em casa sem ninguém por perto, ouvir músicas que não fossem evangélicas. Quando eles chegaram do culto, eu já tinha preparado o almoço e estava todo feliz, rindo de tudo.

— De onde vem tanta alegria, Davi? Viu passarinho verde?

Eu não respondi. Continuei arrumando a mesa.

— Você deveria ter ido ao culto hoje. Parecia que tinha sido feito para você — ela completou.

— Eu vou à tarde, fique tranquila.

— Vou com você, então.

— Não, Rafaela. Estou precisando ir sozinho.

— Por quê, Davi?

— Não sei. Estou querendo ficar um pouco na minha, talvez para pensar melhor em tudo que está acontecendo.

— Mas sua vida está ótima, não está? Você não tem nada para pensar. Deixe de complicações...

Talvez eu estivesse, sim, complicando minha vida. Talvez, não. Dizem que devemos tirar toda a roupa do armário para arrumá-lo, não é? Acho que era exatamente isso que eu estava fazendo. Precisava rever meus princípios, meus valores, minha integridade.

Em vez de ir à igreja, preferi dar uma volta. Liguei para o Cris e fomos juntos tomar um suco. Conversa ótima, clima perfeito: acabei perdendo a hora.

Não aguentava mais mentir para Rafaela. Queria lhe dizer toda a verdade e seguir meu caminho.

Durante toda a semana não conseguia pensar em outra coisa senão na viagem para Uberaba. Cheguei até a preparar minha mochila, com as roupas

que usaria no fim de semana. Deixei-a bem escondida no guarda-roupa, para que Rafaela não visse.

Na sexta-feira aproveitei meu horário de almoço para correr até a rodoviária e comprar as passagens — para às nove da noite. De volta à empresa, Márcio me chamou em sua sala para conversarmos.

— Meu caro, tenho notado seu comportamento e estou um pouco preocupado. O que tem acontecido entre você e Rafaela? Está tudo bem?

Fiquei um tanto surpreso com sua reação. Não sabia muito bem o que dizer.

— Davi, como irmão em Cristo, sinto-me na obrigação de ajudá-lo — ele prosseguiu.

Mais tarde, um outro membro da igreja, Walmir, em quem eu confiava muito, passou no trabalho para conversar comigo. A sessão de aconselhamentos foi longe. Disse-me que era para tirar da cabeça essa história de sair de casa, que não poderia abandonar minha esposa maravilhosa e minhas lindas crianças.

Ele me deu carona até em casa. Assim que chegamos, Rafaela me cumprimentou, se fazendo de inocente:

— Oi, amor.

— Para com essa palhaçada, Rafaela! Por que você pediu que o Walmir fosse até meu trabalho?

— Eu? Eu não falei nada para ele.

— Rafaela, eu não aguento mais você se fazendo de vítima. Sempre me manipulando, me sufocando. Você se faz de inocente, mas no fundo sabe muito bem como conduzir a situação.

— Olha, Walmir, olha só como ele me trata. Está assim desde que a gente se casou. Até pensa em sair de casa — e indo em direção ao quarto —, venha ver, Walmir, a mala que ele fez.

— Rafaela, quer parar com essa ceninha toda? Eu não vou sair de casa!

— Mentira. Você vai sair de casa, sim. Vai me abandonar que eu sei bem.

— Para com esse dramalhão, Rafaela. Ou ainda acaba me deixando com nojo de você.

Walmir interrompeu a discussão e nos chamou para uma conversa na sala. Sentamos no sofá e eu reafirmei que não fugiria para lugar algum.

Pedi licença para ir ao banheiro. Quando entrei, tranquei a porta, abri a torneira e apertei a descarga para fazer bastante barulho. Então, telefonei ao Cris, que estava me esperando.

— Cris, estou com problemas em casa. Vá até a rodoviária e me espere lá. Fique tranquilo que estou com as passagens e não deixarei de ir.

Na sala, Rafaela mostrava ao Walmir as fotos de nosso casamento. Ofereci-me para preparar um suco — era minha chance de armar a fuga.

Passei no quarto, peguei minha mochila e deixei-a escondida na área de serviço. Preparei o suco, servi aos dois e, quando voltei à cozinha, aproveitei para fugir pela porta dos fundos.

Nem bem ganhei a rua e ouvi os gritos de Rafaela:

— A porta dos fundos! Vamos correr! Pega!

Corri. Corri tanto que parecia um fugitivo da polícia. Quando vi, já estava na avenida Prudente de Moraes, rindo como uma criança que acabou de aprontar alguma. Um pouco atrasado, entrei em um táxi e fui direto para a rodoviária. Lá estava Cris. Corremos para pegar o ônibus, que já estava partindo.

Fomos namorando durante toda a viagem. Em Uberaba, Cláudia e Cássia estavam nos esperando. Contei para Cláudia, tudo o que tinha acontecido. Ela me deu muitos conselhos.

— Olha, Davi, você precisa resolver logo sua vida com a Rafaela. Isso significa contar a ela a verdade.

— Você tem razão, Cláudia. Mas é muito difícil para mim.

— Apesar de gostar muito de você, sou irmã da Rafaela. E quero sempre o bem dela. Vamos combinar o prazo de uma semana para você ter uma conversa definitiva com ela?

Só voltamos a Belo Horizonte às cinco da manhã de segunda-feira. Tomamos um táxi na rodoviária, deixei o Cris na casa dele e fui para a minha.

— Onde passou o fim de semana? — perguntou-me Rafaela.

Fiquei mudo.

— Tem algo para me falar? — ela insistiu.

— Rafaela, preciso trabalhar. Quando voltar, conversaremos. Ok?

Da empresa, liguei para minha irmã. Queria conversar com ela e minha mãe.

Ívila e eu nos encontramos na hora do meu almoço. Contei a ela todos os últimos desdobramentos e quais coisas muito me incomodavam.

— Davi, você precisa conversar com a mamãe — ela disse.

Não tive coragem de contar pessoalmente a minha mãe. Telefonei para ela, ainda naquela tarde. Ela atendeu o telefone dizendo que todos os dias aguardava por essa ligação. E começou a chorar.

— Esperei tanto por isso, meu filho. Sabia que cedo ou tarde você iria me procurar.

— Mãe, me perdoa por tudo. Não devia nunca ter feito você sofrer. Eu era muito criança. Uma criança deslumbrada. Queria poder voltar atrás...

— Você não pode voltar atrás, meu filho. Ninguém pode. Mas tem a chance de fazer diferente a partir de agora. E eu estarei sempre ao seu lado, apoiando e amando você.

Agora era eu que começava a chorar. Ela continuou falando:

— Eu estarei pronta para apoiar você, seja qual for sua decisão. Minha casa é sua e acho que é hora de você retornar. Davi, você precisa aprender a ser feliz sendo você mesmo. Amo muito você.

— Eu também, mãe.

Agora faltava reunir força e coragem para conversar com Rafaela. Os dias foram passando, Ívila ligava e esperava que eu tomasse uma atitude, o prazo dado por Cláudia se esgotava e eu não conseguia ter a conversa com Rafaela.

Na quarta-feira, o pastor da igreja foi até nossa casa para conversar pessoalmente comigo. Ele, que sabia das coisas que me atormentavam, orientou que eu me afastasse de Alex, aquele meu amigo que tinha comprado roupas novas para meu primeiro dia de trabalho.

— Mas o Alex não tem nada a ver com isso — argumentei.

— Meu filho, ninguém dá um banho de loja sem querer nada em troca.

Quando ele me perguntou se eu estava tendo algum tipo de relação afetiva com Alex, fiquei chocado. Não esperava ouvir isso da boca do pastor. Achei tão absurda sua ideia que resolvi contar toda a história para ele.

Toda a história: desde quando eu tinha 11 anos, Rafaela era casada com Marcelo e, mesmo assim, transava comigo; falei de como ela fingiu que estava grávida do marido, quando o filho era meu; expliquei a maneira como eu fui colocado contra minha mãe.

— E durante todos esses anos, ela jamais se preocupou se eu estava feliz de verdade — concluí.

Fiquei impressionado com sua reação. Ele simplesmente me disse que todo o pecado da Rafaela havia sido lavado pelo sangue de Cristo.

Peraí, quer dizer que o pobre coitado do Alex, que nunca fez nada de errado para mim, era julgado pelo pastor, mas as atitudes de Rafaela ele aceitava? Depois dessa, vi que não tinha mais nada a dizer.

Acordei sábado decidido a contar tudo para ela. Saí para caminhar e, quando retornei, chamei-a para conversar. Ela resistiu, dizendo que não queria papo àquela hora. Insisti:

— Ou conversamos agora, ou vou embora de casa sem dizer o que está acontecendo.

Ela se sentou no sofá e disparou a falar. Perguntou o que estava acontecendo, por que eu tinha mudado tanto com ela, o que me levava a tomar certas atitudes...

— Quem é esse Davi que não reconheço mais?

Pedi calma. E expliquei, tranquilo, consciente.

— Rafaela: eu, o Davi, cresci. Descobri um Davi que não conhecia. Um Davi jovem, cheio de vida e sonhos para realizar. Descobri que deixei passar, na minha vida, fases maravilhosas. Mas não me arrependo. Perdi momentos de minha infância para ficar com você.

— Como assim, Davi? Não estou entendendo.

— Rafaela, eu aprendi muito com você. Por isso, repito: não me arrependo dos momentos que vivemos juntos. Mas também não quero me arrepender por deixar passar este momento maravilhoso que estou vivendo agora. Sou muito jovem, tenho só 18 anos. Uma vida inteira me espera, cheia de sonhos para realizar. Quero poder escrever minha própria história, adquirir meus próprios bens. Não quero ter tudo na mão. Quero sentir o prazer da conquista.

— Por que isso agora, Davi? Por que você não deixa as coisas do jeito que elas estão?

— Não dá, Rafaela. Não dá. Estou amando outra pessoa e quero tentar ser feliz ao lado dela. Quero poder viver coisas que não vivi ainda.

— Amando outra pessoa? Como assim, Davi? Quem é ela? É do seu trabalho? Onde você a conheceu?

— Calma, Rafaela. Não é ela. É ele.

Rafaela parou, boquiaberta. Fingiu não entender nada e perguntou:

— Ele? Você só pode estar brincando comigo! Não posso acreditar nisso. Então me diga, quem é ele?

— É uma pessoa que conheci e por quem acabei me apaixonando.

Ela ficou em estado de choque. Eu não tinha mais nada para falar e fiquei calado, respeitando aquele seu momento. Só acrescentei que sairia de casa aquela noite.

Rafaela entrou em desespero. Agarrava-me. Batia em mim, xingando-me de nomes horríveis e insultando-me sem medir palavras. Pulou em cima de mim, puxando-me como se eu fosse propriedade dela. Ela gritava, implorava para que eu não a deixasse.

— Ninguém vai amá-lo como eu amo, Davi, ninguém! Ninguém no mundo fará o que faço por você. Aceito até outro homem dormindo em nossa cama, se esse for o preço para não perdê-lo.

Senti dó. Senti nojo.

Daniel, assustado, chorava pela casa. Gabriel via toda a cena tentando compreender o que se passava. Os meninos eram minha maior preocupação naquele momento. Não queria que eles sofressem com a separação.

Mas ela não parava de gritar, berrar:

— Você vai pagar caro pelo que está fazendo comigo, Davi.

Saí levando o pouco que tinha: roupas e alguns livros. Perguntava-me se estava certo de tudo. Deixar mulher e filho não era decisão fácil, afinal.

— Sim, estou convencido de que fiz o melhor — respondia a mim mesmo. — E, é claro, não estou abandonando meu filho. Lutarei para poder continuar acompanhando seu crescimento.

Fui recebido com muito carinho por minha mãe. Ela não permitiu que eu me sentisse culpado em nenhum momento.

Rafaela me ligou várias vezes, dizendo que estava prestes a pegar um táxi e aparecer na casa da minha mãe para aprontar o maior barraco se eu não voltasse imediatamente para casa. Chegava a colocar o Daniel na linha,

para que ele falasse o quanto sentia minha falta e como queria que eu voltasse a morar com ele.

Eram situações difíceis. Não sabia o que responder ao meu filho. Não queria vê-lo sofrendo. Muitas vezes cogitei voltar só por causa dele.

Pedi a Rafaela que não ficasse colocando coisas na cabeça de meu filho. Tinha pavor que ela construísse para ele uma imagem ruim de mim. Mas sei que ela fazia questão de dizer a ele que eu era uma pessoa má, egoísta e os tinha abandonado.

Rafaela chegou a me procurar no trabalho. E durante muito tempo continuava ligando para implorar minha volta, garantindo que me amava muito e que eu jamais seria feliz com outra pessoa. Escreveu várias cartas, enormes, que chegavam a ter cinco folhas, frente e verso. Em uma delas, datada de 3 de outubro de 2002, dizia:

(...) Davi, hoje à noite quando estava orando e agradecendo a Deus pela minha vida, pelos filhos que Deus me deu de presente, joias preciosas e abençoadas por ele, descobri que sem a presença de Deus não sou nada, nada posso, nada sei. Não consigo ter total segurança, confiança e certeza de uma vida de bênção e salvação eterna. Lembrei-me da conversa que tivemos hoje de manhã na praça, quando você disse que estava feliz e muito bem por ter alugado um apartamento e iria morar com um casal gay de mulheres, e que você não tinha nenhum preconceito. Ainda blasfemou o nome de Deus, dizendo que ele estava te abençoando. Meu coração na mesma hora deu um grito de misericórdia. Senhor, tire sua cegueira, pois ele não sabe o que está falando. (...)

Era comum que dissesse para eu “abrir os olhos” e “enxergar meu erro”, porque estava numa “vida de pecado”. Chegou a escrever, inclusive, que eu era um presente de Deus para ela e, por isso, não ia deixar que eu saísse de sua vida.

Passei um tempo sem ver Rafaela. Era necessário, principalmente para que ela conseguisse superar a separação.

Ouvi dizer que ela estava adoentada. Teve pedras nos rins e, dos 47 quilos, passou a pesar apenas 32. Quando soube que ela estava com hiperglicemia, acabei não aguentando: durante uma semana fiquei em sua casa para cuidar dela.

Pedi desculpas e saí quando percebi que Rafaela estava querendo me prender de novo. Nada do que ela fizesse, afinal, seria capaz de reatar nosso casamento. Mas Rafaela insistia. Sempre que ia visitar meu filho, ela tentava ser o centro das atenções, não me deixando nem sequer aproveitar direito o tempo que tinha com ele. Foi então que recebi dela esta última carta:

Belo Horizonte, 12 abril de 2003.

Davi, em primeiro lugar queria que você me desculpasse por estar entregando esta carta e não conversando com você. Mas pessoalmente sei que não conseguiria falar tudo o que estou sentindo, e esta então foi a melhor forma que encontrei, espero que entenda os motivos.

Com certeza você não sabe ou não tem ideia do que estou sentindo agora. De qualquer forma isso não importa, afinal fui eu quem permiti que você um dia entrasse na minha vida. Só tenho a agradecer a você e a Deus por todos os momentos bons que passamos juntos.

Foram todos ótimos para mim e espero que você também tenha gostado. Os momentos que foram tristes e os que você me fez chorar, agradeço por eles também, pois se não fossem eles, como eu saberia valorizar os que foram ótimos?

E a vida é assim, cada tombo que a gente leva a gente aprende alguma coisa. Com você pude aprender que não devemos brincar

com os sentimentos de ninguém e, principalmente, gostar em primeiro lugar da gente para depois gostar do outro. Não adianta virar de cabeça para baixo e tentar fazer com que o outro nos enxergue, pois quando falta respeito, caráter e dignidade as coisas já não andam para a frente, e sim cada vez mais para trás.

Foram oito anos de convivência muito gostosa que passei ao seu lado. Agora eu entendo que tudo o que você me falava sobre nós dois era sempre para o meu bem. Muitas vezes doía muito, mas a verdade sempre dói. Eu sei que você não queria que eu sentisse a dor que estou sentindo, mas digo agora que tudo valeu a pena.

Na vida a gente tem de ganhar ou perder, tudo é uma livre escolha. Realmente é uma pena não ter dado certo, por livre escolha sua. Mas tudo que fiz por você, faria novamente e, se for da vontade de Deus, vou estar ao seu lado quando algum dia precisar de ajuda.

Se algum dia precisar também de alguma opinião sua, não me negarei em procurá-lo e ouvir o que tem a me dizer. Eu jamais pensei em abandoná-lo, mesmo sabendo o engano que está vivendo. Mas a despedida acabou acontecendo. Chegou o fim da linha e do meu limite como ser humano.

Vou lembrar sempre de você como parte da família que tanto sonhamos em ter e nunca vou me esquecer de frases suas como “a minha casa e a minha família vou preservar, pois foi presente de Deus e agora sou tão feliz por este sonho ter se tornado realidade em minha vida”.

Verdade ou não, sempre acreditei nisso e gravei com carinho em minha memória.

Sabe, Davi, a despedida é sempre necessária para que haja novos encontros e, quem sabe, nesses momentos novos esteja reservada a

minha felicidade. Mesmo que as dúvidas persistam dentro de mim e as palavras fujam, saiba que aquele abraço, aquele beijo, o seu sorriso e sua atenção carinhosa fazem muita falta para mim.

Mas eu não quero nem posso continuar bagunçando mais a minha cabeça e a cabecinha dos meus filhos, que são tesouros e joias que tenho, vindos de Deus. Preciso pensar mais neles do que em mim, pois agora eles só têm a mim para ampará-los no dia a dia de uma vida cada vez mais difícil de viver.

Pensei muito no que você me disse, que na sua cabeça já está tudo definido, e então pude perceber que, no que você decidiu para sua vida, eu não faço parte mais em nada. Não era o que meu coração gostaria de estar sentindo.

Sempre esperei e dei várias oportunidades para você repensar e chegar até mim para conversar e pedir desculpas, pois temos o direito de errar. Não sei se é porque lhe falta coragem ou é porque você ainda tem dúvidas do que realmente quer da vida, mas infelizmente você nunca fez isso e eu cansei, pois continuo quebrando a cara pensando que você não teria coragem de me magoar e de me ferir tanto.

Quero, a partir de agora, cometer novos erros, passar por apertos diferentes, situações desconhecidas, sair desta rotina já conhecida. Para mim chega de saber qual é a saída e ficar parada esperando uma mudança que não acontece.

Fico ensaiando um ponto final, mas falta coragem por ter ainda um fio de esperança de um dia você tomar uma decisão e dar o passo com determinação de volta. Não quero mais viver assim.

Se você achar que gosta de mim de verdade e sentir vontade de investir na nossa vida, com respeito e dignidade, para sermos uma

família feliz onde um sempre apoia o outro e se admira sem olhos para mais ninguém, me procure para podermos juntos buscar ajuda para recomeçar o sonho que foi interrompido.

Eu sei que em todo relacionamento de amor a gente sofre, mas quero sofrer por sentimentos reais e não imaginários e ilusórios, pois eu cansei de ficar imaginando o futuro e tropeçando no presente. Me desculpa se às vezes falei coisas que o deixaram magoado, mas na hora da raiva a gente não vê o que faz. Mas você também falou coisas que eu preferia não ter ouvido, principalmente vindas da sua boca. Doeram profundamente.

Eu sei que nada acontece por acaso em nossas vidas, tudo é permissão de Deus para nos curar ou nos fazer enxergar as nossas verdadeiras escolhas. O futuro pertence a Deus. Se for da vontade dele, um dia você vai me procurar e aí sim, quem sabe, não podemos começar novamente, mas no controle dele e da maneira que ele desejar para nossas vidas.

Nunca tive a intenção de magoá-lo ou prejudicá-lo em qualquer sentimento. Não vou prometer ser sua amiga, pois não conseguiria ser amiga de quem amo tanto, seria falsidade de minha parte, não quero isso para minha vida. Mas prometo a você que estarei disposta a arrastar o mundo, se preciso for, para ajudá-lo.

Você sabe meu endereço e meus telefones, sabe onde me encontrar se algum dia desejar. Fique com Deus, que ele o abençoe e o ilumine para que você encontre o verdadeiro caminho.

Beijos, Rafaela.

EPÍLOGO

Dois anos depois da nossa separação, ainda tentávamos ser amigos. Mas Rafaela permanecia com a ideia fixa de me reconquistar, o que acabou atrapalhando nossa convivência. Decidi não ter mais contato com ela. Ela reagiu, afastando meu filho de mim, só para me fazer sofrer.

Meu relacionamento com Cris durou oito meses. Vi que precisava de um tempo para pensar em minha vida, afinal nunca tinha ficado solteiro ou namorado outras pessoas — e a situação não poderia se repetir com ele. Cris foi a porta que eu precisava para sair da prisão onde me encontrava. Foi ele quem me deu a força necessária para que eu pudesse assumir minha verdadeira identidade e, assim, tentar ser feliz. Ele se tornou um grande amigo.

Em 2005, entrei com o pedido de divórcio litigioso, pois Rafaela havia me proibido de ver meu filho. Na primeira audiência, ela chegou acompanhada do Marcelo e, juntos, desmentiram todos os nossos oito anos de convivência e a minha paternidade. A presença de Marcelo foi repugnante para mim.

Mesmo depois de ser marcado três vezes o exame de DNA, ela continua se negando a comparecer ao laboratório. Sempre alega que não é obrigada a produzir provas contra si mesma. Infelizmente a pedofilia praticada por mulheres não tem o mesmo impacto dos casos que envolvem homens. Em nossa sociedade machista, quanto mais cedo o menino perder a virgindade, mais “macho” é considerado pelo pai. Eu vivi isso na pele.

Sei que sou o pai verdadeiro do Daniel, e um dia iremos conversar e poderei dizer a ele a minha verdade, a minha versão da história.

Em março de 2009, fui ao fórum para pedir julgamento do meu processo, já que nossa justiça é lenta. Vou esperar pelo meu filho o tempo que for necessário. Para mim, ele foi e sempre será o principal motivo que me levou

a escrever este livro: a única forma encontrada para dar um basta ao silêncio a que me senti obrigado durante tanto tempo.

Foram dez anos de terapia — entre 1998 e 2008 — em que procurei resolver essas questões. Este livro é resultado de tal processo: ao escrevê-lo, consegui superar meus traumas e encerrar o tratamento psicológico.

No dia 8 de setembro de 2009, a mulher de meu pai, Eliete, me ligou dizendo que Daniel tinha entrado em contato com ela, pedindo para marcar um encontro comigo. Foi um momento de intensa emoção para mim. A única condição, imposta por Rafaela, era que eu não levasse câmera fotográfica.

Quando cheguei à pizzaria, conforme combinado, e me aproximei dele, parecia que estávamos diante de um espelho. Senti o coração bater forte e a emoção tomar conta de mim. Não conseguia nem pensar no que dizer.

— Você está tão bonito, meu filho. Como se parece comigo!

— É, Davi. A gente se parece muito. Minha mãe fala isso todos os dias.

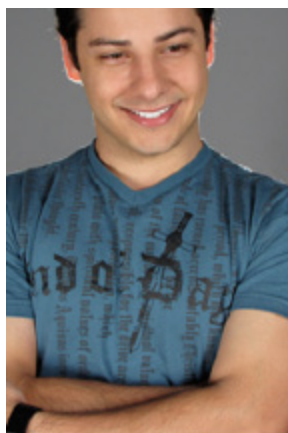
Foi um choque perceber que ele já não me chamava mais de pai. Aquele herói que eu era para ele não existia mais.

Uma das grandes coisas que aprendi é que o amor entre pais e filhos jamais poderá ser diluído. Sabiamente, vou esperar pelo Daniel, como minha mãe soube esperar pelo meu retorno, me ensinando que todo o amor dedicado na infância de uma criança nunca é perdido.

Ao meu filho, a minha verdade.

Em 17 de maio de 2010, o juiz reconheceu minha paternidade frente às ausências de Rafaela aos exames de DNA. Ficou determinada a exclusão do nome de Marcelo da certidão de nascimento de Daniel e a inclusão do meu nome.

O Autor



Nasceu em 1982 na cidade de Belo Horizonte. Aos 11 anos, começou a viver um romance com a professora de Educação Física da escola. Morou na mesma casa em que ela vivia com o marido e o filho; trabalhou como instrutor de natação e de hidroginástica na academia do casal. Após o convívio de oito anos, Davi conseguiu sair do relacionamento e fez dez anos de terapia para recuperar sua identidade. Nesse período, trabalhou como vendedor, auxiliar administrativo e garçom. Em 2004 passou a fazer parte da Companhia de Teatro do Sesc, na qual descobriu sua vocação na área artística. Na faculdade iniciou o curso de Comunicação Social com habilitação em Cinema e Teatro, trabalhou ao lado do ator e humorista Carlos Nunes e hoje atua como produtor cultural.

© 2010 Davi Castro

Diretor editorial **Marcelo Duarte**

Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**

Assistente editorial **Vanessa Sayuri Sawada**

Assistente de Arte **Fernanda Pedroni**

Estagiária **Juliana Paula de Souza**

Projeto Gráfico **Ana Miadaira**

Diagramação **Kiki Millan**

Colaboração **Edison Veiga**

Preparação **Maria Sylvia Corrêa**

Revisão **Jane Pessoa, Márcia Abreu, Carmen T. S. Costa**

Diagramação para ebook **Flavio Peralta**

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 — 05413-010 — São Paulo — SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut